

Através do Espelho
e o que Alice encontrou por lá

Alice do Outro Lado do Espelho (1871)

1. Alice encontra Rainha V.

2. Alice atravessa 3ª casa da Rainha (*de trem*) e chega à 4ª casa da Rainha (*Tweedledum e Tweedledee*)

3. Alice encontra Rainha B. (*de xale*)

1. Rainha V. passa à 4ª casa da Torre do Rei

2. Rainha B. passa à 4ª casa do Bispo da Rainha (*em busca do xale*)

3. Rainha B. passa à 5ª casa do Bispo da Rainha (*vira ovelha*)

4. Alice passa à 5ª casa da Rainha (*loja, rio, loja*)
5. Alice passa à 6ª casa da Rainha (*Humpty Dumpty*)
6. Alice passa à 7ª casa da Rainha (*floresta*)
7. Cavaleiro B. toma Cavaleiro V.*
8. Alice passa à 8ª casa da Rainha (*coroação*)
9. Alice torna-se Rainha
10. Alice roca (*banquete*)
11. Alice toma Rainha V. e vence

4. Rainha B. passa à 8ª casa do Bispo do Rei (*deixa ovo na prateleira*)
5. Rainha B. passa à 8ª casa do Bispo da Rainha (*fugindo do Cavaleiro V.*)
6. Cavaleiro V. passa à 2ª casa do Rei (*xeque*)
7. Cavaleiro B. passa à 5ª casa do Bispo do Rei
8. Rainha V. passa à casa do Rei (*exame*)
9. As Rainhas rocam
10. Rainha B. passa à 6ª casa da Torre da Rainha (*sopa*)

CRIANÇA DA FRONTE PURA E LÍMPIDA

E olhos sonhadores de pasmo!
Por mais que o tempo voe e ainda
Que meia vida nos separe,
Irás por certo acolher encantada
O presente de um conto de fadas.

Não vi teu rosto ensolarado,
Nem ouvi tua risada argentina:
Lugar algum por certo me será dado
Doravante em tua jovem vida...
Basta que agora consintas sem mais nada
Em ouvir este meu conto de fadas.

Um conto iniciado outrora,
Sob o sol tépido do verão —
Mera cantiga, que apenas marcava
O ritmo de nossa embarcação —
Cujos ecos na memória persistem
E ao desafio dos anos resistem.

Vem ouvir, antes que uma voz inevitável,
Portadora de amargo presságio
Venha chamar para o leito indesejável
Uma donzela contristada!
Somos só crianças crescidas, querida,
Inquietas, até que o sono nos dê guarida.

Fora, o gelo, a neve ofuscante,
A loucura soturna da tempestade...
Dentro, o calor do fogo crepitante,
Que a infância alegre aconchega.
As palavras mágicas vão logo te tomar:
Não darás ouvido ao vento a uivar.

E ainda que um suspiro saudoso
Venha perpassar esta história
Por “dias felizes de verão” e por
Sua glória agora extinta —
Decerto não tornará ofuscada
A alegria de nosso conto de fadas.

CAPÍTULO 1

A Casa do Espelho

UMA COISA ERA CERTA: a gatinha *branca* nada tivera a ver com aquilo; a culpa fora toda da gatinha preta. Pois no último quarto de hora a cara da gatinha branca estivera sendo lavada pela gata velha (o que, apesar de tudo, ela suportara bastante bem); como você vê, ela não teria *podido* meter sua patinha na travessura.

Era assim que Dinah lavava a cara dos filhotes: primeiro, erguia o pobre bichano pela orelha com uma pata, depois, com a outra, esfregava-lhe a cara toda ao contrário, começando pelo focinho; e, neste momento mesmo, como disse, estava muito atarefada com a gatinha branca, que se mantinha bastante sossegada e tentando ronronar — sem dúvida sentindo que aquilo tudo era para o seu bem.

Mas a faxina da gatinha preta terminara mais cedo aquela tarde, e assim, enquanto Alice enroscava-se num canto da poltrona grande, meio conversando consigo mesma e meio dormindo, ela se esbaldava com a bola de lã que Alice tentara enovelar, rolando-a para cima e para baixo até desmanchá-la toda de novo; e lá estava a lã, espalhada sobre o tapete, cheia de nós e emaranhados, com a gatinha correndo no meio atrás do próprio rabo.

“Oh, sua coisinha travessa!” exclamou Alice, agarrando-a e dando-lhe um beijinho para fazê-la compreender que estava frita. “Francamente, a Dinah devia ter lhe ensinado maneiras melhores! Você *devia*, Dinah, sabe que devia!” acrescentou, com um olhar de censura para a gata velha e falando no tom mais zangado de que era capaz... Em seguida escalou de novo a poltrona, levando a gatinha e a lã consigo, e pôs-se a enrolar a bola de novo. Mas o trabalho não rendia muito, pois conversava o tempo todo, às vezes com a gatinha, às vezes consigo mesma. Kitty ficou sentada muito recatadamente em seu joelho, fingindo acompanhar o progresso do enovelamento, e de vez em quando esticando uma pata e tocando delicadamente a bola, como a dizer que teria prazer em ajudar, se pudesse.

“Sabe que dia é amanhã, Kitty?” começou Alice. “Você adivinharia, se tivesse ficado na janela comigo... só que a Dinah estava fazendo sua toalete, por isso você não pôde. Fiquei olhando os meninos catarem gravetos para a fogueira — e é preciso muito graveto, Kitty! Só que ficou tão frio, e nevava tanto, que eles tiveram de parar. Não faz mal, Kitty, nós vamos ver a fogueira amanhã.” Nesse ponto Alice passou duas ou três voltas da lã em torno do pescoço da gatinha, só para ver como ficaria: isso provocou uma balbúrdia, pois o novelo rolou para o chão e metros e metros dele se desenrolaram de novo.

“Sabe, fiquei tão zangada, Kitty”, Alice continuou assim que estavam confortavelmente instaladas de novo, “quando vi toda a travessura que você aprontou que estive a ponto de abrir a janela e jogá-la na neve! E teria sido merecido, minha traquinas querida! Que tem a dizer em sua defesa? Agora não me interrompa!” continuou, dedo em riste. “Vou lhe dizer todas as suas faltas. Número um: reclamou duas vezes enquanto a Dinah estava lavando seu rosto esta manhã. Ora, isso você não pode negar, Kitty: eu ouvi! Que está dizendo?” (fingindo que a gatinha estava falando). “A pata dela entrou no seu olho? Bem, a culpa é *sua*, por ficar de olhos abertos: se os fechasse, apertando bem, isso não teria acontecido. Não, não me venha com outras desculpas, ouça! Número dois: você puxou Snowdrop pelo rabo bem na hora que eu tinha posto o pires de leite diante dela! Ah, você estava com sede, é? Como sabe que ela não estava com sede também? Agora, número três: você desenrolou a lã inteirinha quando eu não estava olhando!”

“São três faltas, Kitty, e você não foi castigada por nenhuma delas. Sabe que estou acumulando todos os seus castigos para daqui a duas quartas-feiras... Imagine se tivessem acumulado todos os *meus* castigos!” ela continuou, mais para si mesma que para a gatinha. “Qual *seria* o resultado no fim de um ano? Seria mandada para a prisão, suponho, quando o dia chegasse. Ou... deixe-me ver... se cada castigo fosse ficar sem um jantar, então, quando o dia terrível chegasse, eu teria de ficar sem cinquenta jantares de uma vez! Bem, não me importaria *tanto*! Antes passar sem eles que comê-los!”

“Está ouvindo a neve contra as vidraças, Kitty? Soa tão agradável e suave! Como se alguém estivesse beijando a janela toda do lado de fora. Será que a neve *ama* as árvores e os campos que beija tão docemente? Depois ela os agasalha, sabe, com um manto branco; e talvez diga: ‘Durmam, meus queridos, até o verão voltar.’ E quando eles despertam no verão, Kitty, se vestem todos de verde, e dançam... onde quer que o vento sopra... oh, isso é muito lindo!” exclamou Alice, soltando o novelo da lã para bater palmas. “E eu *gostaria* tanto que fosse verdade! O que sei é que os bosques parecem sonolentos no outono, quando as folhas estão ficando castanhas.”

“Sabe jogar xadrez, Kitty? Não, não sorria, meu bem, estou perguntando a sério. Porque, quando estávamos jogando há pouco, você observou exatamente como se entendesse; e quando eu disse ‘Xeque!’ você ronronou! Bem, *foi* um belo xeque, Kitty, e eu realmente poderia ter ganho, não tivesse sido por aquele cavaleiro desagradável, que veio se insinuar ziguezagueando entre minhas peças. Kitty, querida, vamos fazer de con...” E aqui eu gostaria de ser capaz de lhe contar a metade das coisas que Alice costumava dizer a partir da sua expressão favorita: “vamos fazer de conta”. Ela tivera uma discussão bastante longa com a irmã ainda na véspera, tudo porque começara com “Vamos fazer de conta que somos reis e rainhas”; e a irmã, que gostava de ser muito precisa, retrucara que isso não era possível porque eram só duas, até que Alice finalmente se vira forçada a dizer: “Bem, *você* pode ser só um deles, eu *serei* todos os outros.” E certa vez assustara realmente

sua velha governanta, gritando-lhe de repente ao pé do ouvido: “Vamos fazer de conta que eu sou uma hiena faminta e você é uma carcaça!”

Mas isto está nos desviando da fala de Alice para a gatinha. “Vamos fazer de conta que você é a Rainha Vermelha, Kitty! Sabe, acho que se você sentasse e cruzasse os braços ficaria igualzinha a ela. Vamos, tente, minha fofura!” E Alice pegou a Rainha Vermelha da mesa e a pôs em frente à gatinha como um modelo. Porém a coisa não deu certo — sobretudo, Alice disse, porque a gatinha não cruzava os braços direito. Assim, para puni-la, segurou-a diante do Espelho, para que visse o quanto estava intratável... “e se não consertar essa cara já”, acrescentou, “eu lhe faço atravessar para a Casa do Espelho. O que acharia *disso*?”

“Bem, se você ficar só ouvindo, sem falar tanto, vou lhe contar todas as minhas ideias sobre a Casa do Espelho. Primeiro, há a sala que você pode ver através do espelho, só que as coisas trocam de lado. Posso ver a sala toda quando subo numa cadeira... fora o pedacinho atrás da lareira. Oh! Gostaria tanto de poder ver esse pedacinho! Gostaria tanto de saber se eles têm um fogo aceso no inverno: a gente nunca *pode* saber, a menos que o nosso fogo lance fumaça, e a fumaça chegue a essa sala também... mas pode ser só fingimento, só para dar a impressão de que têm um fogo. Agora, os livros são mais ou menos como os nossos, só que as palavras estão ao contrário; sei porque segurei um dos nossos livros diante do espelho e eles seguraram um na outra sala.”

“O que você acharia de morar na Casa do Espelho, Kitty? Será que lhe dariam leite lá? Talvez o leite do Espelho não seja gostoso... mas, oh, Kitty! agora chegamos ao corredor. Só se consegue dar uma *espiadinha* no corredor da Casa do Espelho deixando a porta da nossa sala de estar escancarada: é muito parecido com o nosso corredor, até onde se pode ver, só que adiante pode ser completamente diferente. Oh, Kitty, como seria bom se pudéssemos atravessar para a Casa do Espelho! Tenho certeza de que nela, oh! há tantas coisas bonitas! Vamos fazer de conta que é possível atravessar para lá de alguma maneira, Kitty. Vamos fazer de conta que o espelho ficou todo macio, como gaze, para podermos atravessá-lo. Ora veja, ele está virando uma espécie de bruma agora, está sim! Vai ser bem fácil atravessar...” Estava de pé sobre o console da lareira enquanto dizia isso, embora não tivesse a menor ideia de como fora parar lá. E sem dúvida o espelho *estava* começando a se desfazer lentamente, como se fosse uma névoa prateada e luminosa.

No instante seguinte Alice atravessara o espelho e saltara lepidamente na sala da Casa do Espelho. A primeira coisa que fez foi verificar se havia fogo na lareira, e ficou muito satisfeita ao constatar que havia um fogo de verdade, crepitando tão alegremente quanto o que deixara para trás. “Assim vou ficar tão aquecida aqui quanto estava lá na sala”, pensou; “ou mais aquecida, porque aqui não vai haver ninguém mandando que eu me afaste do fogo. Oh, como vai ser engraçado quando me virem aqui, através do espelho, e não puderem me alcançar!”

Em seguida começou a olhar em volta e notou que o que podia ser visto da sala anterior era bastante banal e desinteressante, mas todo o resto era tão diferente quanto possível. Por exemplo, os quadros na parede perto da lareira pareciam todos vivos, e o próprio relógio sobre o console (você sabe que só pode ver o fundo dele no espelho) tinha o rosto de um velhinho, e sorria para ela.

“Esta sala não é tão arrumada como a outra”, Alice pensou, ao notar várias peças do jogo de xadrez caídas no chão entre as cinzas; mas no instante seguinte, com um pequeno “Oh!” de surpresa, estava de gatinhas, observando-as. As peças do xadrez estavam andando, duas a duas!

“Aqui estão o Rei Vermelho e a Rainha Vermelha”, Alice disse (num sussurro, com medo de assustá-los), “e ali estão o Rei Branco e a Rainha Branca, sentados na borda da pá da lareira... e aqui vão duas Torres, andando de braço dado... Acho que não podem me escutar”, continuou, baixando mais a cabeça, “e tenho quase certeza de que não podem me ver. Alguma coisa me diz que estou invisível...”

Nessa altura algo começou a guinchar na mesa atrás de Alice e a fez virar a cabeça bem a tempo de ver um dos Peões Brancos cair e começar a espernear. Observou-o, muito curiosa para saber o que iria acontecer em seguida.

“É a voz da minha filha!” exclamou a Rainha Branca passando pelo Rei,

apressada e com tanto ímpeto que o derrubou entre as cinzas. “Minha preciosa Lily! Minha gatinha imperial!” e começou a escalar freneticamente um lado do guarda-fogo.

“Desatino imperial!” disse o Rei, esfregando o nariz, que machucara na queda. Tinha direito a estar um *bocadinho* aborrecido com a Rainha, pois estava coberto de cinzas da cabeça aos pés.

Alice estava ansiosa por ser útil e, quando a pobrezinha da Lily estava a ponto de ter um ataque de tanto berrar, passou a mão na Rainha rapidamente e a depositou sobre a mesa junto de sua escandalosa filhinha.

A Rainha se sentou, arquejante: a rápida viagem pelo ar lhe tirara o fôlego por completo e por um minuto ou dois nada pôde fazer senão abraçar a pequenina Lily em silêncio. Assim que recobrou um pouquinho de alento, gritou para o Rei Branco, que estava sentado entre as cinzas, mal-humorado: “Cuidado com o vulcão!”

“Que vulcão?” perguntou o Rei, olhando aflito para a lareira, como se julgasse aquele o lugar mais provável para encontrar um.

“Ele... me... expeliu”, arquejou a Rainha, que ainda estava um pouco sem ar. “Trate de subir... da maneira normal... não se deixe expelir!”

Alice observou o Rei Branco transpor lenta e laboriosamente obstáculo por obstáculo, até que finalmente disse: “Ora, nesse ritmo você vai levar horas e horas para chegar em cima da mesa. Seria muito melhor eu ajudá-lo, não é?” Mas o Rei não tomou conhecimento da pergunta: estava perfeitamente claro que não a podia ouvir nem ver.

Diante disso Alice o apanhou com muita delicadeza e o ergueu muito mais lentamente do que erguera a Rainha, tentando não lhe tirar o fôlego. Mas, antes de o pôr na mesa, pensou que não seria má ideia dar-lhe uma espanadinha, tão coberto de cinzas estava.

Mais tarde, contou que nunca em toda sua vida vira uma cara como a que o Rei fez ao se ver erguido e espanado no ar por uma mão invisível. Ele ficou espantado demais para gritar, mas seus olhos e sua boca foram ficando cada vez maiores, e cada vez mais redondos, até que a mão de Alice tremeu tanto com a gargalhada que ele quase caiu no chão.

“Oh! *Por favor*, não faça essas caretas, meu caro!” gritou, esquecendo por completo que o Rei não a podia ouvir. “Você me fez rir tanto que mal consigo segurá-lo! E não fique com a boca tão escancarada! As cinzas vão entrar todas nela... pronto, agora acho que está apresentável!” acrescentou, enquanto lhe ajeitava o cabelo e o punha sobre a mesa ao lado da Rainha.

O Rei tombou de costas imediatamente e assim ficou, absolutamente estático. Um pouco alarmada com o que fizera, Alice saiu pela sala para ver se conseguia encontrar um pouco de água para borrifar nele. Mas não achou nada, a não ser um tinteiro, e quando chegou de volta com ele viu que o Rei se recuperara e conversava com a Rainha em sussurros aterrorizados... tão baixinho que Alice mal pôde ouvir o que falavam.

O Rei dizia: “Eu lhe asseguro, minha cara, fiquei gelado até as pontas das minhas suíças!”

Ao que a Rainha respondeu: “Você não usa suíças.”

“O horror daquele momento”, continuou o Rei, “eu nunca, *nunca* vou esquecer!”

“Vai sim”, a Rainha disse, “a menos que faça uma anotação.”

Alice ficou observando com grande interesse o Rei tirar um enorme bloco de anotações do bolso e começar a escrever. Ocorreu-lhe uma ideia de repente e segurou a ponta do lápis, que ultrapassava de algum modo o ombro do Rei, e começou a escrever por ele.

O pobre Rei pareceu confuso e infeliz, lutando com o lápis por algum tempo sem dizer nada; mas Alice era forte demais para ele, que finalmente disse, resfolegando: “Minha cara! Realmente *preciso* arranjar um lápis mais fino. Não estou tendo o menor controle sobre este; escreve todo tipo de coisas que não pretendo...”

“Que tipo de coisas?” perguntou a Rainha, dando uma espiada no bloco (em que Alice escrevera: “*O Cavaleiro Branco está escorregando pelo atizador. Equilibra-se muito mal.*”). “Isto não é uma anotação das *suas* sensações!”

Havia um livro sobre a mesa, perto de Alice, e, enquanto observava o Rei Branco (pois ainda estava um pouco apreensiva com relação a ele, e pronta a lhe jogar a tinta, caso voltasse a desmaiar), folheou suas páginas, encontrando um trecho que não conseguia ler — “é todo em alguma língua que não sei”, disse para si mesma.

Era assim:

Quebrou a cabeça por algum tempo, mas por fim lhe ocorreu uma ideia luminosa. “Ora, este é um livro do Espelho, claro! E se eu o segurar diante de um espelho as palavras vão aparecer todas na direção certa de novo.”

Este foi o poema que Alice leu:

PARGARÁVIO

Solmbrava, e os lubriciosos touvos

Em vertigiros persondavam as verdentes;

Trisciturnos calavam-se os gaiolouvos

E os porverdidos estriguilavam fientes.

“Cuidado, ó filho, com o Pargarávio prisco!

Os dentes que mordem, as garras que fincam!

Evita o pássaro Júbaro e foge qual corisco

Do frumioso Capturandam.”

O moço pegou da sua espada vorpeira:

Por delongado tempo o feragonista buscou.

Repousou então à sombra da tuntumeira,

E em lúmbrios reflaneios mergulhou.

Assim, em turbulosos pensamentos quedava

Quando o Pargarávio, os olhos a raisluscar,

Veio flamiscuspindo por entre a mata brava.

E borbuhlava ao chegar!

Um, dois! Um, dois! E inteira, até o punho,

A espada vorpeira foi por fim cravada!

Deixou-o lá morto e, em seu rocim catunho,

Tornou galorfante à morada.

“Mataste então o Pargarávio? Bravo!

*Te estreito no peito, meu Resplendoroso!
Ó gloriandei! Hosana! Estás salvo!”
E na sua alegria ele riu, puro gozo.*

*Solumbrava, e os lubriciosos touvos
Em vertigiros personavam as verdentes;
Trisciturnos calavam-se os gaiolouvos
E os porverdidos estrigulavam fientes.*

“Parece muito bonito”, disse quando terminou, “mas é *um pouco* difícil de entender!” (Como você vê, não queria confessar nem para si mesma que não entendera patavina.) “Seja como for, parece encher minha cabeça de ideias... só que não sei exatamente que ideias são. De todo modo, *alguém* matou *alguma coisa*: isto está claro, pelo menos...”

“Mas, oh!” pensou Alice dando um pulo de repente, “se não me apressar vou ter de passar pelo espelho de volta sem ter visto como é o resto da casa! Vou dar uma

olhada no jardim primeiro.” Saiu da sala como um raio e correu escada abaixo — ou melhor, não se tratava exatamente de correr, mas de uma nova invenção dela para descer escadas de maneira rápida e fácil, como dizia para si mesma: mantinha apenas as pontas dos dedos sobre o corrimão e descia flutuando suavemente, sem sequer roçar os pés nos degraus. Atravessou o vestíbulo ainda flutuando, e teria saído porta afora do mesmo jeito se não tivesse se agarrado ao umbral. Estava ficando um pouco tonta com tanta flutuação, e sentiu-se bastante satisfeita ao se ver andando de novo da maneira natural.

CAPÍTULO 2

O jardim das flores vivas

“*E*U VERIA O JARDIM MUITO MELHOR”, disse Alice para si mesma, “se pudesse chegar ao topo daquele morro, e cá está uma trilha que leva direto para lá... pelo menos — não, não tão direto...” (depois de seguir a trilha por alguns metros e dar várias viradas bruscas) “mas suponho que por fim chega lá. É interessante como se enrosca! Mais parece um saca-rolha que um caminho! Bem, esta volta vai dar no morro, suponho... não vai! Vai dar direto na casa de novo! Bem, neste caso vou tentar na direção contrária.”

E assim fez: ziguezagueando para cima e para baixo, e tentando volta após volta, mas sempre voltando para a casa, fizesse o que fizesse. Na verdade, certa vez, quando deu uma virada bem mais rápido que de costume, não pôde evitar uma trombada nela.

“É inútil falar sobre isso”, disse Alice, olhando para a casa e fingindo estar discutindo com ela. “*N*ão vou entrar ainda. Sei que deveria atravessar o espelho de novo... de volta à sala... e seria o fim de todas as minhas aventuras!”

Assim, dando as costas para a casa com determinação, lá se foi mais uma vez pela trilha, decidida a avançar sem trégua até chegar ao morro. Por alguns minutos tudo correu bem e ela acabava de dizer “*D*esta vez realmente *v*ou conseguir...” quando a trilha deu uma guinada repentina, chacoalhou (segundo a descrição que fez mais tarde), e no instante seguinte ela se viu de fato entrando porta adentro.

“Oh, mas que azar. Nunca vi casa tão intrometida! Nunca!”

No entanto, lá estava o morro, bem à vista, de modo que não havia outra coisa a fazer senão começar de novo. Dessa vez topou com um grande canteiro, orlado de margaridas, e um salgueiro crescendo no meio.

“Ó Lírio-tigre!” chamou Alice, dirigindo-se a um que ondulava graciosamente ao vento, “*g*ostaria que pudesse falar!”

“*P*ois *p*odemos”, falou o Lírio-tigre, “quando há alguém com quem valha a pena conversar.”

Alice ficou tão espantada que perdeu a voz por um minuto; quase pôs o coração pela boca. Por fim, como o Lírio-tigre apenas continuava a balançar, falou de novo, numa voz tímida... quase um sussurro: “*E* *t*odas as flores podem falar?”

“Tão bem quanto *v*ocê”, respondeu o Lírio-tigre. “*E* bem mais alto.”

“Seria pouco delicado da nossa parte começar, sabe”, disse a Rosa, “e eu

realmente estava me perguntando quando você falaria! Disse comigo: ‘O semblante dela me diz *alguma* coisa, embora não seja uma coisa inteligente!’ Apesar de tudo, você tem a cor certa, e isso já é meio caminho andado.”

“Não me importo com a cor”, observou o Lírio-tigre. “Se pelo menos suas pétalas se encrespassem um pouco mais, tudo estaria bem com ela.”

Não gostando de se ver criticada, Alice começou a fazer perguntas: “Não sentem medo às vezes de ficar plantados aqui fora, sem ninguém para cuidar de vocês?”

“Há a árvore no meio”, disse a Rosa. “Para que mais ela serve?”

“Mas o que poderia ela fazer se surgisse algum perigo?” perguntou Alice.

“Abrir o berreiro!” gritou uma Margarida. “É por isso que os salgueiros são chamados chorões!”

“Você não sabia *disso*?” espantou-se outra Margarida, e então todas começaram a gritar ao mesmo tempo, até que o ar pareceu repleto de vozes esganiçadas. “Silêncio, todas vocês!” gritou o Lírio-tigre agitando-se arrebatadamente de um lado para outro, com frêmitos de excitação. “Sabem que não posso alcançá-las!” disse entre arquejos, inclinando a cabeça trêmula para Alice, “ou não se atreveriam a fazer isso.”

“Não faz mal!” Alice disse num tom apaziguador; e curvando-se para as margaridas, que estavam recomeçando naquele instante, sussurrou: “Se não calarem a boca, eu as colho!”

O silêncio foi imediato, e várias das margaridas cor-de-rosa ficaram brancas.

“Muito bem”, falou o Lírio-tigre. “As margaridas são as piores. Quando uma fala, começam todas ao mesmo tempo, fazendo um alarido que deixa qualquer um murcho.”

“Como é possível que vocês todos possam falar tão bem?” disse Alice, na esperança de melhorar o humor dele com um elogio. “Estive em muitos jardins antes, mas nenhuma flor podia falar.”

“Ponha a mão na terra e sinta”, disse o Lírio-tigre. “Assim vai saber por quê.”

Alice obedeceu. “É muito dura”, observou, “mas não sei o que uma coisa tem a ver com a outra.”

“Na maioria dos jardins”, explicou o Lírio-tigre, “fazem os canteiros fofos demais... por isso as flores estão sempre dormindo.”

Parecia uma excelente razão, e Alice gostou muito de ouvi-la. “Nunca pensei nisso antes!” disse.

“Na *minha* opinião, você nunca pensa em coisa *alguma*”, disse a Rosa num tom bastante ríspido.

“Nunca vi ninguém com ar mais bronco”, comentou uma Violeta, tão de repente que Alice deu um pulo, pois ela não tinha falado antes.

“Dobre *sua* língua!” exclamou o Lírio-tigre. “Como se *ocê* já tivesse visto alguém! Enfia a cabeça sob as folhas e fica lá roncando, até saber tão pouco do que se passa no mundo quanto um botão!”

“Há mais pessoas no jardim além de mim?” Alice perguntou, preferindo não levar em conta a última observação da Rosa.

“Há uma outra flor no jardim que é capaz de andar como *ocê*”, disse a Rosa. “Pergunto-me como fazem isso... (“*ocê* está sempre se espantando”, interrompeu o Lírio-tigre), “mas ela é mais folhuda que *ocê*.”

“É parecida comigo?” Alice perguntou ansiosa, pois lhe ocorrera a ideia: “Há uma outra menininha em algum canto do jardim!”

“Bem, tem a mesma forma desajeitada que *ocê*”, a Rosa disse, “mas é mais vermelha... e tem as pétalas mais curtas, acho.”

“Tem as pétalas mais próximas, quase como uma *dália*”, o Lírio-tigre interrompeu; “não descaídas em redor como as suas.”

“Mas isso não é culpa *sua*”, a Rosa acrescentou delicadamente. “*ocê* está começando a fenecer, sabe... e nesse caso é impossível evitar que nossas pétalas fiquem um pouco desalinhasadas.”

Alice não gostou nada dessa ideia; assim, para mudar de assunto, perguntou: “Ela vem aqui de vez em quando?”

“Provavelmente logo a verá”, disse a Rosa. “É do tipo que tem nove espigas.”

“Onde as usa?” Alice perguntou com certa curiosidade.

“Ora, em volta da cabeça, é claro”, respondeu a Rosa. “O que me admirou foi que *ocê* não tivesse algumas também. Pensei que fosse a norma geral.”

“Lá vem ela!” gritou a Esporinha. “Estou ouvindo os passos dela, chump, chump, chump, no cascalho!”

Alice olhou em volta aflita e descobriu que era a Rainha Vermelha. “Como ela cresceu!” foi sua primeira observação. De fato: quando Alice a encontrara entre as cinzas, tinha só sete centímetros de altura... e cá estava, meia cabeça mais alta do que ela própria!

“É o ar fresco que faz isso”, disse a Rosa, “temos um ar maravilhosamente puro aqui fora.”

“Acho que vou ao encontro dela”, disse Alice, pois, embora as flores fossem bastante interessantes, sentiu que seria muito mais sensacional ter uma conversa com uma Rainha de verdade.

“Isso *ocê* não vai conseguir”, disse a Rosa. “*Eu* a aconselharia a ir ao contrário.”

Como isso lhe soou absurdo, Alice não disse nada e partiu imediatamente em direção à Rainha Vermelha. Para sua surpresa, num instante a perdeu de vista e se viu entrando pela porta da frente de novo.

Um pouco irritada, recuou e, depois de olhar para todos os lados à procura da Rainha (que finalmente avistou, bem longe dali), pensou que daquela vez podia tentar o stratagema de caminhar na direção oposta.

Sucesso total. Não andara nem um minuto quando se viu cara a cara com a Rainha Vermelha, com o morro que tanto desejara alcançar bem à vista.

“De onde vem?” perguntou a Rainha Vermelha. “E para onde vai? Levante os olhos, fale direito e não fique girando os dedos o tempo todo.”

Alice obedeceu a todas essas instruções e explicou, o melhor que pôde, que perdera seu caminho.

“Não sei o que você quer dizer com *seu* caminho”, disse a Rainha; “todos os caminhos aqui pertencem a *mim*... mas afinal, por que veio até aqui?” acrescentou num tom mais afável. “Enquanto pensa no que dizer, faça reverências, poupa tempo.”

Alice ficou um pouco surpresa com aquilo, mas estava fascinada demais pela Rainha para duvidar dela. “Vou tentar quando voltar para casa”, pensou, “da próxima vez que estiver atrasada para o jantar.”

“Já está na hora de você responder”, disse a Rainha, olhando seu relógio; “abra um *pouco* mais a boca quando fala, e diga sempre ‘Vossa Majestade’.”

“Só queria ver como era o jardim, Vossa Majestade...”

“Está bem”, disse a Rainha, dando-lhe tapinhas na cabeça, do que Alice não gostou nada, “se bem que, quando você diz ‘jardim’... *já* vi jardins que fariam este parecer um matagal.”

Alice não se atreveu a contestar e continuou: “...e pensei em tentar chegar até o alto daquele morro...”

“Quando você diz ‘morro’”, a Rainha interrompeu, “*eu* poderia lhe mostrar morros que a fariam chamar esse de vale.”

“Não, não fariam”, disse Alice, surpresa por finalmente tê-la contestado: “um morro *não pode* ser um vale. Isso seria um absurdo...”

A Rainha Vermelha sacudiu a cabeça. “Pode chamar de ‘absurdo’ se quiser”, disse, “mas *já* ouvi absurdos que fariam este parecer tão sensato quanto um dicionário!”

Alice fez mais uma reverência, pois temia, pelo tom da Rainha, que estivesse um pouco ofendida. E as duas saíram andando em silêncio até chegar ao alto do pequeno morro.

Por alguns minutos Alice ficou sem falar, olhando a região em todas as direções... e que região curiosa era aquela. Havia uma quantidade de riachinhos minúsculos cortando-a de lado a lado, e o terreno entre eles era dividido por uma porção de pequenas cercas verdes, que iam de riacho a riacho.

“Veja só! Está demarcado exatamente como um grande tabuleiro de xadrez!” Alice disse por fim. “Deve haver algumas peças se mexendo em algum lugar... ah, lá estão!” acrescentou encantada, e seu coração começou a disparar de entusiasmo enquanto continuava. “É uma partida de xadrez fabulosa que está sendo jogada... no mundo todo... se *é* que isso é o mundo. Oh, como é divertido! Como eu *gostaria* de ser um deles. Não me importaria de ser um Peão, contanto que pudesse participar... se bem que, é claro, *preferiria* ser uma Rainha.”

Ao dizer isso, olhou de rabo de olho, um tanto acanhada, para a verdadeira Rainha, mas sua companheira apenas sorriu amavelmente e observou: “É fácil arranjar isso. Você pode ser o Peão da Rainha Branca, se quiser, pois Lily é muito novinha para jogar; você está na Segunda Casa; quando chegar à Oitava Casa, será uma Rainha...” Exatamente nesse instante, sabe-se lá por quê, as duas começaram a correr.

Alice nunca conseguiu entender direito, refletindo sobre isso mais tarde, como tinham começado: tudo que lembrava é que estavam correndo de mãos dadas, e a

Rainha corria tão depressa que ela mal conseguia acompanhá-la. Mesmo assim, a Rainha não parava de gritar “Mais rápido! Mais rápido!”, mas Alice sentia que *não podia* ir mais rápido, embora não lhe sobrasse fôlego para dizer isso.

O mais curioso nisso tudo era que as árvores e as outras coisas em volta delas nunca mudavam de lugar: por mais depressa que ela e a Rainha corressem, não pareciam ultrapassar nada. “Será que todas as coisas estão se movendo conosco?” pensou, atônita, a pobre Alice. E a Rainha pareceu lhe adivinhar os pensamentos, pois gritou “Mais rápido! Não tente falar!”.

Não que Alice tivesse a menor intenção de fazer *isso*. Tinha a impressão de que nunca conseguiria falar de novo, tão sem fôlego estava ficando; mesmo assim, a Rainha gritava “Mais rápido! Mais rápido!” e a arrastava consigo. “Estamos chegando?” Alice conseguiu arquejar finalmente.

“Chegando!” a Rainha repetiu. “Ora, passamos por lá dez minutos atrás! Mais rápido!” E correram em silêncio por algum tempo, o vento assobiando nos ouvidos de Alice e, imaginou, quase lhe arrancando fora os cabelos.

“Vamos! Vamos!” gritou a Rainha. “Mais rápido! Mais rápido!” E correram tão depressa que por fim pareciam deslizar pelo ar, mal roçando o chão com os pés, até que de repente, bem quando Alice estava ficando completamente exausta, pararam, e ela se viu sentada no chão, esbaforida e tonta.

A Rainha a recostou contra uma árvore e disse gentilmente: “Pode descansar um pouco agora.”

Alice olhou ao seu redor muito surpresa. “Ora, eu diria que ficamos sob esta árvore o tempo todo! Tudo está exatamente como era!”

“Claro que está”, disse a Rainha, “esperava outra coisa?”

“Bem, na *nossa* terra”, disse Alice, ainda arfando um pouco, “geralmente você chegaria a algum outro lugar... se corresse muito rápido por um longo tempo, como fizemos.”

“Que terra mais pavorosa!” comentou a Rainha. “Pois *aqui*, como vê, você tem de correr o mais que *pode* para continuar no mesmo lugar. Se quiser ir a alguma outra parte, tem de correr no mínimo duas vezes mais rápido!”

“Prefiro não tentar, por favor!” suplicou Alice. “Estou muito satisfeita de estar aqui... só que *estou* com tanto calor e com tanta sede!”

“Sei do que *você* gostaria!” disse a Rainha bondosamente, tirando uma caixinha do bolso. “Aceita um biscoito?”

Alice achou que seria pouco educado dizer “Não”, embora aquilo não fosse nem de longe o que queria. Pegou o biscoito e fez o possível para comê-lo: era *sequíssimo*, e pensou que nunca ficara tão engasgada em toda a sua vida.

“Enquanto você se revigora”, disse a Rainha, “vou tirando as medidas.” E sacou

uma fita métrica do bolso e pôs-se a medir o terreno e a fincar pequenas estacas aqui e ali.

“Ao fim de dois metros”, disse, cravando uma estaca para marcar a distância, “eu lhe darei suas instruções... aceita mais um biscoito?”

“Não, obrigada”, recusou Alice; “um foi o *bastante!*”

“Matou a sede, espero”, disse a Rainha.

Alice não soube o que responder, mas felizmente a Rainha não esperou resposta, continuando: “Ao fim de *três* metros vou repeti-las... para o caso de você as ter esquecido. Ao fim de *quatro*, vou dizer adeus. E ao fim de *cinco*, vou-me embora!”

A essa altura tinha fincado todas as estacas, e Alice olhou-a com muito interesse enquanto ela voltava para a árvore e em seguida começava a caminhar lentamente ao longo da fila.

Junto à estaca dos dois metros a Rainha virou o rosto e disse: “Um peão avança duas casas em seu primeiro movimento, como você sabe. Assim, você vai avançar *muito* rápido para a Terceira Casa... de trem, eu acho... e num instante vai se ver na Quarta Casa. Bem, *essa* casa pertence a Tweedledum e Tweedledee... a Quinta é quase só água... a Sexta pertence a Humpty Dumpty... Mas você não faz nenhum comentário?”

“Eu... eu não sabia que devia fazer algum... bem nesse ponto”, Alice gaguejou.

“*Devia* ter dito”, prosseguiu a Rainha em tom de grave censura, “é extremamente gentil da sua parte me falar tudo isto’... mas vamos supor que isso foi dito... a Sétima Casa é toda no bosque... contudo, um dos Cavaleiros lhe mostrará o caminho... e na Oitava Casa, nós, as Rainhas, estaremos juntas; é tudo festa e diversão!” Alice se levantou, fez uma reverência e se sentou de novo.

Na estaca seguinte a Rainha se virou e, desta vez, disse: “Fale em francês quando a palavra em inglês para alguma coisa não lhe ocorrer... ande com as pontas dos pés para fora... e lembre-se de quem você é.” Não esperou que Alice fizesse uma reverência dessa vez, caminhando rápido para a outra estaca, onde se virou por um instante para dizer “Adeus” e correu para a seguinte.

Como aquilo aconteceu, Alice nunca soube, mas exatamente ao chegar à última estaca, a Rainha desapareceu. Se sumiu no ar ou se correu veloz para o bosque (“ela é *capaz* de correr muito rápido!” pensou Alice), não havia como saber, e Alice começou a se lembrar de que era um Peão e de que logo seria hora de se mover.

CAPÍTULO 3

Insetos do Espelho

*E*VIDENTEMENTE A PRIMEIRA COISA A FAZER era um levantamento completo da região que iria atravessar. “É muito parecido com estudar geografia”, pensou Alice, erguendo-se nas pontas dos pés na esperança de conseguir ver um pouco mais longe. “Rios principais... não *há* nenhum. Montanhas principais... estou em cima da única, mas não me parece que tenha nome. Cidades principais... ora, o que *são* aquelas criaturas fazendo mel ali? Abelhas não podem ser... quem já enxergou abelhas a um quilômetro de distância?” E ficou em silêncio por algum tempo, observando uma delas que se alvoroçava entre as flores, fincando-lhes o probóscide, “exatamente como uma abelha comum”, pensou Alice.

No entanto, aquilo era tudo menos uma abelha comum: na verdade era um elefante... como Alice logo descobriu, embora de início a ideia a tenha deixado completamente sem fôlego. “E que flores enormes devem ser aquelas!” foi o que pensou em seguida. “Como se fossem cabanas sem teto e com hastes... e que quantidade de mel devem produzir! Acho que vou descer e... não, *ainda* não”, continuou, contendo-se quando já começava a correr morro abaixo, tentando arranjar alguma desculpa para ficar tão precavida de repente. “Não vai adiantar nada descer até eles sem um galho jeitoso, comprido, para tangê-los... e como vai ser engraçado quando me perguntarem se gostei do meu passeio. Vou dizer: ‘Ah, gostei muito...’” (aqui deu sua sacudidela de cabeça favorita), “só que *estava* tão quente e poeirento, e os elefantes incomodavam *tanto!*”

“Acho que vou descer pelo outro lado”, disse após uma pausa; “e talvez possa visitar os elefantes mais tarde. Além disso, *quero* tanto chegar à Terceira Casa!”

Com essa desculpa, desceu o morro correndo e saltou por sobre o primeiro dos seis riachinhos.

“Passagens, por favor!” disse o Guarda, enfiando a cabeça pela janela. Num instante todos estavam empunhando passagens: eram mais ou menos do tamanho das pessoas e pareciam encher completamente o vagão.

“Vamos lá! Mostre sua passagem, criança!” prosseguiu o Guarda, olhando irritado para Alice. E uma porção de vozes exclamou ao mesmo tempo (“como o refrão de uma canção”, pensou Alice): “Não o faça esperar, criança! Ora, o tempo dele vale mil libras o minuto!”

“Sinto muito, mas não tenho passagem”, Alice disse, atemorizada; “não havia guichê lá de onde vim.” E o coro de vozes recomeçou: “Não havia lugar para uma

pessoa lá de onde ela veio. A terra lá vale mil libras o centímetro!”

“Não me venha com desculpas”, disse o Guarda; “devia ter comprado uma do maquinista.” E de novo o coro de vozes se ergueu com: “Com o maquinista. Ora, só a fumaça vale mil libras a baforada!”

Alice pensou consigo: “Se é assim, não adianta nada falar.” *Dessa vez as vozes não a acompanharam, já que ela não falara, mas, para sua grande surpresa, todas pensaram em coro* (espero que você entenda o que significa *pensar em coro*... porque devo confessar que *eu* não entendo): “Melhor não dizer nada. A fala vale mil libras a palavra!”

“Vou sonhar com mil libras esta noite, tenho certeza!” pensou Alice.

Durante todo esse tempo o Guarda estava olhando para ela, primeiro através de um telescópio, depois com um microscópio e depois com um binóculo. Finalmente disse: “Você está na direção errada”, fechou a janela e foi embora.

“Uma criança tão pequena”, disse o cavalheiro sentado diante dela (a roupa dele era de papel branco), “deveria saber em que direção está indo, mesmo que não saiba o próprio nome!”

Uma Cabra, que estava sentada junto ao cavalheiro de branco, fechou os olhos e disse alto: “Ela devia saber como chegar ao guichê, mesmo que não saiba o bê-á-bá.”

Havia um Besouro sentado perto da Cabra (tratava-se de um vagão com passageiros muito esquisitos), e, como a regra parecia ser que cada um falasse de uma vez, *ele* continuou com: “Ela vai ter de ser despachada de volta como bagagem.”

Alice não podia ver quem estava sentado na frente do Besouro, mas em seguida uma voz rouca falou, num tom grosseiro: “Trocar de locomotivas...” — e nesse ponto engasgou e foi obrigado a parar.

“Parece que é um cavalo”, Alice pensou. E um fiozinho de voz disse, perto do seu ouvido: “Você podia fazer uma piada sobre isso... algo sobre ‘cavalo’ e ‘cavalice’, não é?”

Depois uma voz muito meiga disse à distância: “Será preciso lhe pregar uma etiqueta ‘Mocinha. Cuidado, é frágil’.”

Depois dessa, outras vozes se fizeram ouvir (“Quanta gente neste vagão!” pensou Alice), dizendo: “Deve ir pelo correio, pois está selada...” “Deve ser enviada como uma mensagem pelo telégrafo...” “Deve puxar o trem ela própria pelo resto da viagem...” e assim por diante.

Mas o cavalheiro vestido de papel branco curvou-se e lhe sussurrou no ouvido: “Não ligue para o que estão dizendo, minha cara, mas compre uma passagem de volta cada vez que o trem parar.”

“De jeito nenhum!” disse Alice, um tanto impaciente. “Nem sei o que estou fazendo nesta viagem de trem... agora mesmo estava num bosque... e gostaria de poder voltar para lá!”

“Você poderia fazer uma piada com isso”, disse a vizinha ao pé do seu ouvido; “algo como ‘querias mas não podias’, não é?”

“Pare de caçoar assim”, disse Alice, olhando em volta sem conseguir descobrir de onde vinha a voz; “se está tão aflito por uma piada, por que você mesmo não faz uma?”

A vizinha deu um suspiro profundo. Estava *muito* infeliz, evidentemente, e Alice lhe teria dito uma palavra de consolo, “se pelo menos suspirasse como as outras pessoas!” ela pensou. Mas aquele foi um suspiro tão assombrosamente pequenininho que nem o teria escutado se não tivesse sido dado *bem* junto do seu ouvido. A consequência foi que sentiu muita cócega no ouvido, e a infelicidade da pobre criaturinha desapareceu da sua cabeça.

“Sei que você é uma amiga”, a vizinha continuou: “uma amiga querida e uma velha amiga. E você não vai me ferir, embora eu *seja* um inseto.”

“Que tipo de inseto?”, Alice indagou um pouco apreensiva. O que realmente queria saber era se picava ou não, mas lhe pareceu que essa não seria uma pergunta muito polida.

“Ora, então você não...”, começou a vizinha, quando foi abafada por um apito estridente da locomotiva, e todos deram um pulo de susto, inclusive Alice.

O Cavalão, que tinha posto a cabeça para fora da janela, recolheu-a calmamente e disse: “É só um riacho que temos de saltar.” Todos pareceram satisfeitos com a explicação, embora Alice tenha se sentido um pouco nervosa à simples ideia de trens saltando. “De todo modo, ele vai nos levar para a Quarta Casa, já é um consolo!” disse para si mesma. Um instante depois sentiu que o vagão estava subindo pelos ares e, no seu pavor, agarrou o que estava mais perto da sua mão, que calhou ser a barba da Cabra.

Mas a barba pareceu se dissolver quando ela a tocou, e Alice se viu sentada tranquilamente sob uma árvore... enquanto o Mosquito (pois esse era o inseto com quem estivera conversando) se balançava num ramo bem em cima da sua cabeça e a abanava com as asas.

Era certamente um Mosquito *muito* grande: “mais ou menos do tamanho de uma galinha”, Alice pensou. Mesmo assim, não podia se sentir nervosa com ele, depois de terem estado conversando por tanto tempo.

“...então não gosta de *todos* os insetos?” continuou o Mosquito, tranquilo como se nada tivesse acontecido.

“Gosto deles quando sabem falar”, disse Alice. “Lá de onde *eu* venho, nenhum deles jamais falou.”

“Que tipo de inseto lhe agrada mais, lá de onde *você* vem?” o Mosquito indagou.

“Insetos não me *agradam* ”, Alice explicou, “porque tenho bastante medo deles...”

pelo menos dos grandes. Mas posso lhe dizer os nomes de alguns.”

“Claro que eles atendem pelo nome, não é?” o Mosquito comentou irrefletidamente.

“Nunca soube que o fizessem.”

“De que serve terem nomes”, disse o Mosquito, “se não atendem por eles?”

“Não serve de nada para *elas*”, disse Alice, “mas é útil para as pessoas que lhes dão nomes, suponho. Senão, para que afinal as coisas têm nome?”

“Isso eu não sei”, respondeu o Mosquito. “Lá longe, no bosque, elas não têm nome nenhum... seja como for, diga lá sua lista de insetos — está perdendo tempo.”

“Bem, tem a mosca”, Alice começou, contando os nomes nos dedos.

“Certo”, disse o Mosquito, “no meio daquele arbusto ali você vai ver uma ‘moscavalo’, se olhar bem. Não sossega, passa o dia se balançando de galho em galho.”

“Ela come o quê?” Alice perguntou com grande curiosidade.

“Seiva e serragem”, disse o Mosquito. “Prossiga com a lista.”

Alice olhou para a moscavalo, muito interessada, e concluiu que tinha acabado de ser repintada, tão reluzente e pegajosa parecia; e continuou.

“Há também a libélula.”

“Olhe para o galho em cima da sua cabeça”, disse o Mosquito, “e vai ver uma Libélula-de-natal. Seu corpo é de pudim de passas, as asas de azevinho, e a cabeça é uma passa flambada ao conhaque.”

“E ela come o quê?” perguntou Alice, como antes.

“Manjar-branco e pastel de carne”, o Mosquito respondeu; “e faz seu ninho na árvore de Natal.”

“Então há a Borboleta, Alice continuou, depois de ter dado uma boa olhada no inseto com a cabeça em chamas e pensado consigo mesma: “Desconfio que é por isso

que os insetos gostam tanto de voar para as velas... vontade de virar libélulas-de-natal!”

“Rastejando aos seus pés”, disse o Mosquito (Alice encolheu os pés um tanto assustada), “você pode observar uma Borboleteiga. Suas asas são fatias finas de pão com manteiga, o corpo é de casca de pão, a cabeça é um torrão de açúcar.”

“E o que *ela* come?”

“Chá fraco com creme.”

Uma nova dificuldade surgiu na cabeça de Alice: “E se ela não conseguisse encontrar nenhum?” sugeriu.

“Nesse caso morreria, é claro.”

“Mas isso deve acontecer com muita frequência”, Alice observou, pensativa.

“Sempre acontece”, disse o Mosquito.

Depois disso, Alice ficou em silêncio por um minuto ou dois, refletindo. Nesse meio-tempo o Mosquito se divertia dando voltas e voltas em torno da cabeça dela, zumbindo. Finalmente sossegou e fez um comentário: “Você não quer perder o seu nome, não é?”

“Não, de jeito nenhum”, disse Alice, um pouco agoniada.

“No entanto, não sei”, continuou o Mosquito num tom displicente: “pense só como seria conveniente se você conseguisse ir para casa sem ele! Por exemplo, se a governanta quisesse chamá-la para estudar, ela diria ‘venha cá...’ e teria de parar por aí, porque não teria nenhum nome para chamá-la — e, é claro, você não teria de ir, entendeu?”

“Isso nunca daria certo, tenho certeza”, disse Alice. “Nunca passaria pela cabeça da governanta me dispensar do estudo por causa disso. Se ela não lembrasse do meu nome, me chamaria de ‘Senhora!’, como as governantas fazem.”

“Bem, se ela dissesse só ‘Senhora’”, o Mosquito observou, “você diria que está sem hora e não iria estudar... É uma piadinha. Gostaria que *você* a tivesse feito.”

“Por que desejaria que *eu* a tivesse feito?” Alice perguntou. “É um trocadilho infame.”

O Mosquito limitou-se a suspirar profundamente, enquanto duas grossas lágrimas lhe rolavam pelas faces.

“Não devia fazer piadas”, disse Alice, “se isso o deixa tão infeliz.”

Seguiu-se mais um daqueles suspirozinhos tristonhos, e dessa vez o pobre Mosquito pareceu realmente ter-se desfeito em lágrimas, porque quando Alice levantou os olhos não encontrou mais nada no galho e, como já estava sentindo um pouco de frio por ficar tanto tempo sentada quieta, levantou-se e saiu andando.

Logo chegou a um campo aberto, com um bosque do outro lado; parecia mais

escuro que o último bosque e Alice sentiu um *pouco* de medo de entrar nele. Refletindo melhor, no entanto, resolveu ir em frente, “pois para *trás* é que não vou, com certeza”, pensou, e aquele era o único caminho para a Oitava Casa.

“Este deve ser o bosque”, disse pensativamente, “em que as coisas não têm nomes. O que será que vai ser do *meu* nome quando eu entrar nele? Não gostaria nada de perdê-lo... porque teriam de me dar outro, e é quase certo que seria um nome feio. Mas, nesse caso, o engraçado seria tentar encontrar a criatura que ficou com meu antigo nome! Igualzinho àqueles anúncios, sabe, quando as pessoas perdem cachorros: ‘*Responde pelo nome ‘Dash’; usava uma coleira de latão...*’ Imagine ficar chamando todas as coisas que eu encontrasse de ‘Alice’ até que uma delas respondesse! Só que elas não responderiam nada, se fossem espertas.”

Assim divagava quando chegou ao bosque: parecia muito fresco e sombrio. “Bem, de todo modo é um grande alívio”, disse ao entrar sob as árvores, “depois de sentir tanto calor, entrar sob... o *quê?*” continuou, bastante surpresa de não conseguir lembrar a palavra. “Quero dizer entrar sob... sob as... sob *isto*, entende!” pondo a mão no tronco da árvore. “Como é que isto se chama, afinal? Acredito que não tem nome... ora, com certeza não tem!”

Ficou em silêncio um minuto, pensando. Depois, de repente, recomeçou. “Então, no fim das contas a coisa realmente *aconteceu!* E agora, quem sou eu? *Vou* me lembrar, se puder! Estou decidida!” Mas estar decidida não ajudou muito, e tudo que conseguiu dizer, depois de quebrar muito a cabeça, foi: “L, eu *sei* que começa com L!”

Nesse instante apareceu uma Corça vagando por ali; olhou para Alice com seus olhos grandes e meigos, mas não se assustou nadinha. “Venha cá! Venha cá!” disse Alice, esticando a mão e tentando afagá-la; mas a Corça só recuou um pouco e voltou a olhar para Alice.

“Como você se chama?” finalmente a Corça perguntou. Que voz doce e suave tinha!

“Quem me dera saber!” pensou a pobre Alice. Respondeu, um tanto acabrunhada: “Nada, por enquanto.”

“Pense bem”, a Corça disse, “esse não serve.”

Alice pensou, mas não adiantou coisa alguma. “Por favor, poderia me dizer como *você* se chama?” disse timidamente. “Acho que isso poderia ajudar um pouco.”

“Vou lhe dizer se vier um pouco adiante comigo”, disse a Corça. “*Aqui* não consigo me lembrar.”

Assim, saíram caminhando juntas pelo bosque, Alice abraçando afetuosamente o pescoço macio da Corça, até que chegaram a um outro campo aberto; então a Corça deu um súbito pinote no ar e se desvencilhou dos braços de Alice. “Sou uma Corça!” gritou radiante, “e, oh! você é uma criança humana!” Uma expressão de susto tomou de repente seus bonitos olhos castanhos e no instante seguinte ela fugiu como um

raio.

Alice ficou procurando-a, prestes a chorar de frustração por ter perdido sua querida companheira de viagem tão de repente. “De todo modo, agora sei meu nome”, disse, “é *algum* consolo. Alice... Alice... não vou esquecer de novo. E agora, qual dessas setas devo seguir?”

Não era uma pergunta muito difícil, já que uma única estrada atravessava o bosque, e as duas setas apontavam para ela. “Vou resolver a questão”, disse Alice consigo, “quando a estrada se dividir e elas apontarem rumos diferentes.”

Mas isso não parecia provável. Andou e andou por um longo tempo, mas sempre que a estrada se dividia lá estavam as duas setas, apontando a mesma direção, uma com os dizeres “POR AQUI — CASA DE TWEEDLEDUM” e a outra “CASA DE TWEEDLEDEE — POR AQUI”.

“Desconfio,” disse Alice por fim, “que eles moram na mesma casa! Não sei como não pensei nisso antes... Mas não posso ficar muito tempo lá. Vou só dar uma chegadinha, dizer ‘olá, como vão?’ e lhes perguntar o caminho para sair do bosque. Se pelo menos eu chegar à Oitava Casa antes do anoitecer!” Assim foi divagando, falando consigo mesma enquanto caminhava, até que, numa curva fechada, deu de encontro com dois homenzinhos gordos, tão de repente que não pôde evitar dar um salto para trás, mas logo se recobrou, certa de que só podiam ser.

CAPÍTULO 4

Tweedledum e Tweedledee

“*E*STAVAM DE PÉ SOB UMA ÁRVORE, um abraçando o pescoço do outro, e Alice soube no mesmo instante qual era qual porque um deles tinha “DUM” bordado na gola e o outro, “DEE”. “Imagino que ambos têm “TWEEDLE” escrito na parte de trás da gola”, disse para si mesma.

Estavam tão quietos que ela esqueceu por completo que estavam vivos e, justamente quando ia espichando o olho para ver se havia a palavra “TWEEDLE” escrita na parte de trás das duas golas, teve um sobressalto ao ouvir uma voz vindo do que tinha a marca “DUM”.

“Se pensa que somos bonecos de cera”, ele disse, “devia pagar ingresso, não é? Bonecos de cera não são feitos para serem vistos de graça, de maneira alguma!”

“Ao contrário”, acrescentou o que tinha a marca “DEE”, “se acha que somos vivos, devia falar.”

“Lamento muito, acreditem”, foi tudo que Alice conseguiu dizer; pois as palavras da velha canção insistiam em ecoar na sua cabeça como o tique-taque de um relógio, e mal conseguiu evitar repeti-la em voz alta:

Tweedledum e Tweedledee

Andam em grande ralho;

Pois, disse Tweedledum, Tweedledee

Desafinara seu chocalho.

Iam os dois se engalfinhar,

Quando um corvo imenso, escuro,

Veio nossos heróis espantar,

E os dois fugiram, em grande apuro.

“Sei no que está pensando”, disse Tweedledum; “mas não é isso, de maneira alguma.”

“Ao contrário”, continuou Tweedledee, “se era assim, podia ser; e se fosse assim, seria; mas como não é, não é. Isto é lógico.”

“Estava pensando”, disse Alice muito cortês, “qual será o melhor caminho para

sair deste bosque; está ficando tão escuro! Poderiam me dizer, por favor?”

Mas os homenzinhos gordos apenas se entreolharam e sorriram.

Pareciam tão exatamente um par de colegiais balofos que Alice não pôde evitar apontar o dedo para Tweedledum e dizer: “O Primeiro da Classe!”

“De maneira alguma!” Tweedledum exclamou rapidamente, e fechou a boca de novo com um estalo.

“O Segundo!” disse Alice passando para Tweedledee, embora tivesse certeza de que ele iria apenas gritar “Ao contrário!”, e foi o que fez.

“Você fez tudo errado!” exclamou Tweedledum. “A primeira coisa numa visita é dizer ‘Como vai?’ e dar um aperto de mão!” E aqui os dois irmãos se deram um abraço e estenderam as duas mãos que tinham livres para ela apertar.

Alice não queria apertar a mão de qualquer dos dois em primeiro lugar, temerosa de ferir os sentimentos do outro; assim, a melhor saída lhe pareceu apertar ambas as mãos ao mesmo tempo; um instante depois eles estavam dançando em círculo. Isso pareceu perfeitamente natural (ela lembrou depois), e não ficou surpresa nem quando ouviu uma música: parecia vir da árvore sob a qual dançavam, e era produzida (pelo que pôde entender) pelos galhos se esfregando uns contra os outros, como rabecas e arcos.

“Mas sem dúvida *foi* divertido” (Alice disse mais tarde, quando estava contando toda esta história à irmã) “me ver cantando ‘*Ciranda, cirandinha*’. Não sei quando comecei, mas a minha impressão era que estava cantando aquilo havia muito tempo!”

Os outros dois dançarinos eram gordos e logo ficaram sem fôlego.

“Quatro voltas é o bastante para uma dança”, bufou Tweedledum, e pararam de dançar tão de repente quanto haviam começado. A música cessou no mesmo instante.

Soltaram as mãos de Alice e ficaram um minuto olhando para ela; foi uma pausa um tanto contrafeita, pois Alice não sabia como entabular uma conversa com pessoas com quem acabara de dançar. “Não caberia dizer ‘Como vai você?’ *agora*”, pensou com seus botões; “de algum modo, parece que fomos além desse ponto.”

“Espero que não estejam muito cansados!” disse por fim.

“De maneira alguma. E *muito* obrigado por perguntar”, disse Tweedledum.

“*Gratíssimo!*” acrescentou Tweedledee. “Gosta de poesia?”

“Gosto, bastante... de *algumas* poesias,” Alice respondeu hesitante. “Poderiam me dizer que estrada tomar para sair do bosque?”

“Que posso recitar para ela?” disse Tweedledee, voltando para Tweedledum uns olhos arregalados e solenes, sem fazer caso da pergunta de Alice.

“‘*A Morsa e o Carpinteiro*’ é a mais comprida”, Tweedledum respondeu, dando um afetuoso abraço no irmão.

Tweedledee começou imediatamente:

O sol brilhava...

Nesse ponto Alice arriscou interrompê-lo. “Se é *muito* comprida”, disse o mais polidamente que pôde, “poderiam, por favor, me dizer primeiro qual é a estrada...”

Tweedledee sorriu gentilmente, e recomeçou:

O sol brilhava sobre o mar,

Com raios certos, pujantes.

Aplicava sua melhor arte

A tornar as ondas coruscantes.

E isso era estranho porque

Batera meia-noite pouco antes.

A lua brilhava mofina,

Porque pensava que o sol,

Depois que o dia termina,

Devia se retirar.

“É muita indelicadeza”, dizia,

“Vir aqui me ofuscar.”

O mar estava molhado; mais não podia estar.

A areia estava seca a não poder mais secar.

Nuvem, não se via uma só, porque

*Não havia nenhuma no céu a flutuar.
Nenhum pássaro cortava os ares...
Pois não havia pássaros para voar.*

A Morsa e o Carpinteiro

*Caminhavam lado a lado.
Choravam copiosamente ao ver
O chão assim, tão de areia forrado:
“Se ao menos fizessem uma faxina,” diziam,
“Isto poderia ficar em bom estado!”*

*“Se sete criadas com sete esfregões
Por um ano isto aqui esfregassem,
Acha possível”, a Morsa perguntou,
“Que toda esta areia limpassem?”*

*“Duvido”, disse o Carpinteiro
E uma lágrima sentida derramou.*

*“Ó Ostras, venham fazer um passeio!”
Disse a Morsa suplicante.
“Uma boa conversa, um belo recreio,
Pelas praias verdejantes:
Mas apenas quatro em cada volteio
Para as mãos lhes dar adiante.”*

*A Ostra mais velha o relanceou
Mas a boca não disse palavra.
Deu apenas uma piscadela,
E a pesada cabeça meneou...
A sugerir: “Deixar a ostreira
Para flanar? Ai, isso não vou.”*

*Quatro ostrinhas, porém, acorreram,
Muito sôfregas pelo regalo:
Vestidinho limpo, rosto lavado,
Sapatos nos trinquês e rabo de cavalo.
E isso era estranho, se bem pesado,
Porque tinham o coco rapado.*

Quatro outras Ostras as seguiram

E depois mais, de par em par.

Por fim aos bandos chegaram,

E foi um não mais acabar.

Todas saltando na espuma das ondas,

E voltando à praia a brancejar.

A Morsa e o Carpinteiro

Andaram um bom estirão.

Depois descansaram numa pedra

Jeitosa que havia no chão.

Então as ostrinhas todas

Puseram-se em fila, de prontidão.

“É chegada a hora”, disse a Morsa,

“De falar de muitas coisas:

De sapatos... e barcos... e vazas...

De repolhos... e reis... e lousas...

E por que o mar tanto ferve

E se os porcos têm asas.”

“Só um minutinho”, as Ostras gritaram,

“Antes da nossa conversa;

Estamos tão esbaforidas,

Vimos em tal correria!”

“Temos tempo!” disse o Carpinteiro,

Rindo, num gesto de galhardia.

“Um naco de pão”, a Morsa disse,

“É o que vem a calhar;

Depois pimenta e vinagre

Não são de se dispensar...

Já estão prontas, Ostrinhas queridas?

Vamos dar início ao jantar.”

“Mas não vão nos jantar!” as Ostras gritaram,

Perdendo um pouquinho a cor.

“Após tanta gentileza,

Oh, é tão desolador!”

“É uma bela noite”, disse a Morsa,

“Apreciam esta beleza?”

“Foram tão gentis conosco!

Não criaram um só embaraço!”

O Carpinteiro disse apenas:

“Corte-me mais um pedaço!

Minha fome é tamanha

Que todo este pão hoje eu traço.”

“É uma vergonha”, a Morsa disse,

“Lhes fazer uma falseta dessa,

Depois que as trouxemos tão longe

E as fizemos andar tão depressa!”

O Carpinteiro disse só:

“Vamos à primeira remessa!”

“Choro por vocês”, a Morsa disse.

“Tenho o coração contristado.”

E entre soluços e lágrimas, foi

Puxando as graúdas p’ro seu lado.

Depois, levou o lenço aos olhos,

Que ainda estavam marejados.

“Ó Ostras”, disse o Carpinteiro.

“Fizeram uma bela corrida!

Que tal correr de volta pra casa?”

Mas nenhuma resposta foi ouvida...

E não era de estranhar, porque

Ostra por ostra tinha sido comida.

“Gosto mais da Morsa”, disse Alice. “Porque, veja, ela teve um *pouco* de pena das pobres ostras.”

“Mas comeu mais que o Carpinteiro”, disse Tweedledee. “Repare, ela segurou o lenço na sua frente, para o Carpinteiro não poder contar quantas comia: ao contrário.”

“Isso foi mesquinho!” Alice exclamou indignada. “Se é assim gosto mais do

Carpinteiro... se é que não comeu tantas quanto a Morsa.”

“Mas ele comeu o mais que pôde”, disse Tweedledee.

Aquilo era perturbador. Depois de uma pausa, Alice começou: “Bem! Eram *ambos* tipos muito desagradáveis...” Neste ponto calou-se, um tanto assustada, ao ouvir algo que lhe lembrava o resfolegar de uma locomotiva a vapor perto deles no bosque, embora temesse que, mais provavelmente, fosse um animal selvagem. “Há leões ou tigres por aqui?” perguntou timidamente.

“É só o Rei Vermelho roncando”, disse Tweedledee.

“Venha ver!” gritaram os irmãos. Cada um pegou uma das mãos de Alice e a levaram até onde o Rei dormia.

“Não é uma visão *encantadora*?” disse Tweedledum.

Para ser sincera, Alice não podia concordar. O Rei usava uma touca de dormir vermelha e alta, com um pompom, estava encolhido como uma trouxa mal-ajambrada e roncando alto... “Esse ronco é capaz de lhe arrancar a cabeça fora!” comentou Tweedledum.

“Receio que pegue um resfriado, deitado assim no capim úmido”, disse Alice, que era uma menininha muito atenciosa.

“Agora está sonhando”, observou Tweedledee. “Com que acha que ele sonha?”

Alice disse: “Isso ninguém pode saber.”

“Ora, com *você!*” Tweedledee exclamou, batendo palmas, triunfante. “E se parasse de sonhar com você, onde acha que você estaria?”

“Onde estou agora, é claro,” respondeu Alice.

“Não, não!” Tweedledee retrucou, desdenhoso. “Não estaria em lugar algum. Ora, você é só uma espécie de coisa no sonho dele!”

“Se o Rei acordasse”, acrescentou Tweedledum, “você sumiria... puf!... exatamente como uma vela!”

“Não sumiria!” Alice exclamou indignada. “Além disso, se *sou* só uma espécie de coisa no sonho dele, gostaria de saber o que *vocês* são?”

“Idem”, disse Tweedledum.

“Idem, ibidem”, gritou Tweedledee.

E gritou tão alto que Alice não pôde se impedir de dizer: “Psss! Receio que vá acordá-lo se fizer tanto barulho.”

“Bem, não adianta *você* falar sobre acordá-lo”, disse Tweedledum, “quando não passa de uma das coisas do sonho dele. Você sabe muito bem que não é real.”

“Eu *sou* real!” disse Alice e começou a chorar.

“Não vai ficar nem um pingo mais real chorando”, observou Tweedledee. “Não há motivo para choro.”

“Se eu não fosse real”, disse Alice — meio rindo por entre as lágrimas, tão absurdo aquilo tudo parecia —, “não conseguiria chorar.”

“Espero que não imagine que suas lágrimas são *reais!*” Tweedledum interrompeu-a, num tom de profundo desdém.

“Sei que estão falando absurdos”, Alice pensou consigo, “e é tolice chorar por causa disso.” Assim, enxugou as lágrimas e continuou, no tom mais alegre que pôde. “Seja como for, tenho de ir embora do bosque, pois está ficando muito escuro. Acham que vai chover?”

Tweedledum, que abriu um enorme guarda-chuva sobre ele e o irmão, olhou para cima e disse: “Não, não acho que vai. Pelo menos... não *aqui* embaixo. De maneira alguma.”

“Mas será que pode chover *aqui fora?*”

“Pode... se escolher”, disse Tweedledee; “não fazemos nenhuma objeção. Ao contrário.”

“Criaturas egoístas!” pensou Alice, e já ia dizer “Boa noite” e deixá-los quando Tweedledum saltou fora do guarda-chuva e a agarrou pelo pulso.

“Está vendo *aquilo?*” perguntou, numa voz embargada pela emoção, e seus olhos ficaram grandes e amarelos de repente, enquanto apontava um dedo trêmulo para uma coisinha branca caída sob a árvore.

“É só um chocalho”, disse Alice, após cuidadoso exame da coisinha branca. “E não está na ponta do rabo de nenhuma *cascavel*, sabe?” deu-se pressa em acrescentar, achando que ele estava apavorado. “Só um chocalho velho... bem velho e quebrado.”

“Sabia que era!” exclamou Tweedledum, começando a bater o pé furiosamente para todos os lados e a puxar o cabelo. “Está estragado, é claro!” Aqui olhou para Tweedledee, que imediatamente se sentou no chão e tentou se esconder debaixo do guarda-chuva.

Alice pousou a mão no seu braço e disse em tom apaziguador: “Não precisa ficar tão zangado por causa de um chocalho velho.”

“Mas não é velho!” gritou Tweedledum, mais furioso que nunca. “É *novo*, estou lhe dizendo... comprei-o ontem... meu lindo CHOCALHO NOVO!” e sua voz se elevou num verdadeiro guincho.

Todo esse tempo, Tweedledee estava fazendo o que podia para fechar o guarda-chuva consigo dentro: o que era uma proeza tão extraordinária que desviou completamente a atenção de Alice do irmão enraivecido. Mas não teve sucesso e acabou caindo, enrolado no guarda-chuva, só a cabeça de fora: e lá ficou, abrindo e fechando a boca e os olhos graúdos... “mais parecendo um peixe que qualquer outra coisa”, Alice pensou.

“Naturalmente você concorda com uma batalha?” indagou Tweedledum num tom

mais calmo.

“Acho que sim”, respondeu o outro, amuado, rastejando para fora do guarda-chuva; “só que *ela* tem de ajudar a nos vestir.”

E lá se foram os dois irmãos de mãos dadas pelo bosque, e num minuto estavam de volta com os braços carregados de coisas... como travesseiros, cobertores, tapetes, toalhas de mesa, abafadores e baldes de carvão. “Espero que você tenha uma boa mão para alfinetar e dar laços!” Tweedledum observou. “É preciso encaixar cada uma destas coisas, de um jeito ou de outro.”

Alice contou mais tarde que nunca vira tanto barulho feito por nada em toda a sua vida: o alvoroço daqueles dois... e a quantidade de coisas que puseram sobre si... e a trabalhadeira que lhe deram para amarrar cordões e abotoar... “Realmente, quando ficarem prontos vão estar mais parecidos com trouxas de roupa velha que com qualquer outra coisa!” disse consigo mesma, enquanto ajeitava uma almofada roliça em volta do pescoço de Tweedledee, “para evitar que sua cabeça fosse cortada fora”, como ele disse.

“Sabe”, ele acrescentou muito gravemente, “essa é uma das coisas mais graves que podem acontecer numa batalha... ter a cabeça cortada fora.”

Alice não conseguiu conter o riso, mas deu um jeito de transformá-lo numa tosse, receando ferir-lhe os sentimentos.

“Estou muito pálido?” perguntou Tweedledum, aproximando-se para que seu elmo fosse preso. (Ele *chamava* aquilo de elmo, embora certamente mais parecesse uma caçarola.)

“Bem... está... um *pouco*”, Alice respondeu gentilmente.

“Sou muito corajoso em geral”, ele continuou em voz baixa; “só que logo hoje estou com dor de cabeça.”

“E *eu* com dor de dente!” disse Tweedledee, que conseguira ouvir o comentário. “Estou muito pior que você!”

“Nesse caso não deveriam lutar hoje”, disse Alice, vendo ali um bom pretexto para as pazes.

“*Temos* de lutar um pouquinho, mas não faço questão de uma luta muito demorada”, disse Tweedledum. “Que horas são agora?”

Tweedledee consultou seu relógio e disse: “Quatro e meia.”

“Vamos lutar até as seis, e depois jantar”, disse Tweedledum.

“Muito bem”, o outro concordou, um tanto cabisbaixo. “E ela *pode* assistir... só não deve chegar *muito* perto”, acrescentou; “costumo acertar tudo que vejo pela frente... quando fico realmente empolgado.”

“E *eu* acerto tudo que está ao meu alcance”, exclamou Tweedledum, “quer possa vê-lo ou não!”

Alice riu. “Imagino que acertem as *árvores* com muita frequência”, disse.

Tweedledum olhou à sua volta com um sorriso satisfeito. “Tenho a impressão”, disse, “de que não vai sobrar uma só de pé, por todo este trecho, quando a batalha tiver terminado!”

“E tudo por causa de um chocalho!” espantou-se Alice, ainda com esperança de deixá-los um *pouco* envergonhados de lutarem por tal bagatela.

“Eu não teria me importado tanto”, disse Tweedledum, “se não fosse um chocalho novo.”

“Gostaria que o corvo monstruoso chegasse!” pensou Alice.

“Há só uma espada, você sabe”, disse Tweedledum ao irmão. “Mas você pode usar o guarda-chuva... é quase tão pontudo quanto ela. Só que temos de começar rápido. Está escurecendo a olhos vistos.”

“E a olhos fechados”, disse Tweedledee.

Estava escurecendo tão de repente que Alice achou que uma tempestade devia estar chegando. “Que nuvem grossa e negra aquela!” disse. “E como vem depressa! Ui, parece que tem asas!”

“É o corvo!” Tweedledum gritou com uma voz estridente de susto. E os dois irmãos saíram em disparada e num instante tinham sumido de vista.

Alice correu um pouco mais para dentro do bosque e parou debaixo de uma grande árvore. “*Aqui* ele nunca vai me pegar”, pensou, “é grande demais para se espremer entre as árvores. Mas gostaria que não batesse tanto as asas... provoca um verdadeiro furacão no bosque — olha, ali vai o xale de alguém, soprado pelo vento!”



CAPÍTULO 5

Lã e água

ALICE AGARROU O XALE ENQUANTO FALAVA e olhou em volta à procura da dona; um instante depois a Rainha Branca apareceu correndo freneticamente pelo bosque, os dois braços abertos totalmente esticados, como se estivesse voando, e Alice, muito polidamente, foi ao encontro dela com o xale.

“Foi uma sorte eu estar no caminho”, disse, enquanto a ajudava a pôr o xale de novo.

A Rainha Branca olhou-a com uma expressão de incontrolável pavor e ficou repetindo para si mesma, num sussurro, algo que soava como “pão com manteiga, pão com manteiga”, e Alice percebeu que, se era para haver alguma conversa, ela mesma tinha de se encarregar disso. Assim, começou, bastante tímida: “Estou me endereçando à Rainha Branca?”

“Bem, sim, se você chama isto de adereçar”, a Rainha disse. “Não é a *minha* ideia da coisa, em absoluto.”

Alice, pensando que não convinha discutir logo no início da conversa, sorriu e disse: “Se Vossa Majestade tiver a bondade de me dizer qual é a maneira certa de começar, farei isso da melhor maneira.”

“Mas não quero que seja feito de maneira alguma!” gemeu a pobre Rainha. “Faz duas horas que estou me desadereçando.”

Teria sido muito melhor, pareceu a Alice, se ela tivesse trazido uma outra pessoa para adereçá-la, tão terrivelmente desalinhada estava. “Todos os adereços estão tortos”, Alice pensou, “e tudo está pregado com alfinete!... Posso endireitar seu xale?” acrescentou em voz alta.

“Não sei o que há de errado com ele!” lamentou a Rainha. “Está de mau humor, acho. Eu o preguei com alfinete aqui e ali, mas nada o contenta!”

“Ele não *pode* ficar direito se o prende todo de um lado só”, disse Alice, enquanto o endireitava gentilmente para ela, “e, nossa!, em que estado está o seu cabelo!”

“A escova ficou enganchada nele”, suspirou a Rainha. “Perdi o pente ontem!”

Alice despreendeu cuidadosamente a escova e fez o que podia para lhe ajeitar o cabelo. “Veja, está com uma aparência muito melhor agora!” disse após mudar a maior parte dos alfinetes de lugar. “Mas realmente devia ter uma criada de quarto!”

“Eu contrataria *você* com prazer!” propôs a Rainha. “Dois pence por semana e geleia em dias alternados.”

Alice não pôde deixar de rir, enquanto dizia: “Não quero que *me* contrate... e não gosto muito de geleia.”

“É uma geleia muito boa”, disse a Rainha.

“Bem, de todo modo, não quero nenhuma *hoje* .”

“Mesmo que *quisesse* , não poderia ter”, disse a Rainha. “A regra é: geleia amanhã e geleia ontem... mas nunca geleia *hoje* .”

“Isso só pode acabar levando às vezes a ‘geleia hoje’”, Alice objetou.

“Não, não pode”, disse a Rainha. “É geleia no *outro* dia: hoje nunca é *outro* dia, entende?”

“Não a entendo”, disse Alice. “É horrivelmente confuso!”

“É isso que dá viver às avessas”, disse a Rainha com doçura: “sempre deixa a gente um pouco tonta no começo...”

“Viver às avessas!” Alice repetiu em grande assombro. “Nunca ouvi falar de tal coisa!”

“...mas há uma grande vantagem nisso: a nossa memória funciona nos dois sentidos.”

“Tenho certeza de que a *minha* só funciona em um”, Alice observou. “Não posso lembrar coisas antes que elas aconteçam.”

“É uma mísera memória, essa sua, que só funciona para trás”, a Rainha observou.

“De que tipo de coisas *você* se lembra melhor?” Alice se atreveu a perguntar.

“Oh, das que aconteceram daqui a duas semanas”, a Rainha respondeu num tom displicente. “Por exemplo, agora”, ela continuou, enrolando uma larga atadura no dedo enquanto falava, “há o Mensageiro do Rei. Está na prisão agora, sendo punido,

e o julgamento não vai nem começar até quarta-feira que vem, e, é claro, o crime vem por último.”

“E se ele nunca cometer o crime?” disse Alice.

“Tanto melhor, não é?” a Rainha retrucou, prendendo a atadura em volta do dedo com um pedacinho de fita.

Alice achou que *isso* era inegável. “Claro que seria muito melhor”, disse, “mas não seria muito melhor para ele ser punido.”

“*Nisso* você está completamente errada”, disse a Rainha. “*Já* foi punida alguma vez?”

“Só pelo que fiz de errado”, respondeu Alice.

“E isso só *lhe* fez bem, eu sei!” disse a Rainha, triunfante.

“Sim, mas eu tinha *feito* as coisas pelas quais fui punida”, disse Alice, “isso faz toda a diferença.”

“Mas se não as tivesse feito”, continuou a Rainha, “teria sido melhor ainda; melhor e melhor e melhor!” Sua voz foi ficando mais aguda a cada “melhor”, até que por fim se transformou num guincho.

Alice ia dizendo “Há alguma coisa errada...”, quando a Rainha começou a guinchar tão alto que ela teve de deixar a frase incompleta. “Ai, ai, ai!” gritava ela, sacudindo a mão como se quisesse fazê-la voar fora. “Meu dedo está sangrando! Ai, ai, ai, ai!”

Seus guinchos eram tão exatamente iguais ao apito de uma locomotiva que Alice teve de tapar os ouvidos com as duas mãos.

“O que *aconteceu*?” quis saber, assim que teve uma chance de se fazer ouvir. “Furou o dedo?”

“Não *ainda*,” a Rainha disse, “mas vou furar logo, logo... ai, ai, ai!”

“Quando espera fazer isso?” Alice perguntou, com muita vontade de rir.

“Quando prender meu xale de novo!” a pobre Rainha gemeu; “o broche vai se abrir já. Ai, ai!” Enquanto dizia isso o broche se abriu e a Rainha o agarrou desvairadamente, tentando fechá-lo de novo.

“Cuidado!” exclamou Alice. “Você está segurando o broche todo torto!” E o agarrou; mas era tarde demais: o alfinete escorregara e a Rainha furara o dedo.

“Isso explica o sangramento, vê?” disse ela a Alice com um sorriso. “Agora você entende como as coisas acontecem aqui.”

“Mas por que não grita *agora*?” Alice perguntou, com as mãos em posição para tapar os ouvidos de novo.

“Ora, já gritei o que tinha de gritar”, disse a Rainha. “Qual seria o proveito de repetir tudo?”

A essa altura, estava clareando. “Acho que o corvo deve ter voado para longe”, disse Alice. “Estou tão contente que tenha ido embora. Pensei que era a noite chegando.”

“Gostaria... de *conseguir* ficar contente!” a Rainha disse. “Só que nunca lembro a regra. Você deve ser muito feliz, vivendo neste bosque e ficando contente quando lhe apraz!”

“Só que isto aqui é *tão* solitário!” disse Alice, melancólica; e à ideia de sua solidão duas grossas lágrimas lhe rolaram pelas faces.

“Oh, não fique assim!” exclamou a pobre Rainha, torcendo as mãos em desespero. “Considere a menina grande que você é. Considere a longa distância que percorreu hoje. Considere que horas são. Considere qualquer coisa, mas não chore!”

Alice não pôde deixar de rir disso, mesmo em meio às suas lágrimas. “Você consegue parar de chorar fazendo considerações?” perguntou.

“É assim que se faz”, disse a Rainha com muita decisão; “ninguém pode fazer duas coisas ao mesmo tempo, não é? Para começar, vamos considerar a sua idade... quantos anos tem?”

“Exatamente sete anos e meio.”

“Não precisa dizer ‘exatamente’”, a Rainha observou. “Posso acreditar sem isso. Agora vou *lhe* dar uma coisa em que acreditar. Tenho precisamente cento e um anos, cinco meses e um dia.”

“Não posso acreditar *nisso!*” disse Alice.

“Não?” disse a Rainha, com muita pena. “Tente de novo: respire fundo e feche os olhos.”

Alice riu. “Não adianta tentar”, disse; “não se *pode* acreditar em coisas impossíveis.”

“Com certeza não tem muita prática”, disse a Rainha. “Quando eu era da sua idade, sempre praticava meia hora por dia. Ora, algumas vezes cheguei a acreditar em até seis coisas impossíveis antes do café da manhã. Lá se vai meu xale de novo!”

O broche se abriu enquanto ela falava, e uma súbita lufada de vento carregara o xale da Rainha para a outra margem de um pequeno riacho. A Rainha abriu os braços de novo, e saiu voando em busca dele, dessa vez conseguindo agarrá-lo por si mesma. “Peguei-o!” gritou num tom triunfante. “Agora você vai me ver prendê-lo de novo, sozinha!”

“Nesse caso, seu dedo está melhor agora, não é?” Alice disse muito polidamente, enquanto saltava o riachinho atrás da Rainha.

“Oh, muito melhor!” gritou a Rainha, a voz se elevando a um guincho à medida que falava. “Muito me-lhor! Me-lhor! Me-e-e-elhor! Me-e-é!” A última palavra terminou num longo balido, tão parecido com o de uma ovelha que Alice realmente

levou um susto.

Olhou para a Rainha, que parecia ter se enrolado em lã de repente. Esfregou os olhos e olhou de novo. Não conseguia entender nada do que tinha acontecido. Estaria numa loja? E era mesmo... era mesmo uma *ovelha* que estava sentada do outro lado do balcão? Por mais que esfregasse os olhos, tudo que conseguia entender era: estava numa lojinha escura, com os cotovelos apoiados no balcão, e diante de si estava uma velha Ovelha, sentada numa poltrona tricotando, e vez por outra parando para fitá-la através de um grande par de óculos.

“O que deseja comprar?” perguntou a Ovelha, erguendo os olhos do seu tricô por um instante.

“Ainda não sei *muito bem*”, Alice respondeu, muito gentilmente. “Gostaria de dar uma olhada em tudo à minha volta primeiro, se me permite.”

“Pode olhar para a sua frente, e para os dois lados, se quiser”, disse a Ovelha, “mas não pode olhar para *tudo* à sua volta... a menos que tenha olhos na nuca.”

Acontece que isso Alice *não* tinha; assim, contentou-se em dar um giro, olhando as prateleiras enquanto as percorria.

A loja parecia cheia de toda sorte de coisas curiosas... mas o mais estranho de tudo era que, cada vez que fixava os olhos em alguma prateleira para distinguir o

que havia nela, essa prateleira específica estava sempre completamente vazia, embora as outras em torno estivessem completamente abarrotadas.

“As coisas aqui são tão fugidias!” comentou por fim num tom queixoso, depois de ter passado cerca de um minuto perseguindo em vão uma coisa grande e lustrosa, que às vezes parecia uma boneca e outras vezes uma caixa de costura, e sempre estava na prateleira acima da que estava olhando. “E isto é o mais irritante de tudo... mas vou lhe mostrar...”, acrescentou, assaltada por um súbito pensamento. “Vou segui-la até a prateleira mais alta de todas. Vai se ver em apuros para atravessar o teto, imagino!”

Mas até esse plano malogrou: a “coisa” atravessou o teto na maior tranquilidade possível, como se estivesse muito acostumada a isso.

“Você é uma criança ou um pião?” disse a Ovelha enquanto pegava outro par de agulhas. “Vai me deixar tonta já, já, se continuar girando desse jeito.” Agora estava trabalhando com catorze pares de agulha ao mesmo tempo e Alice não conseguia despregar os olhos dela, espantadíssima.

“Como *consegue* tricotar com tantas?” pensou a atônita criança consigo mesma. “A cada minuto ela se parece mais e mais com um porco-espinho!”

“Sabe remar?” a Ovelha perguntou, estendendo-lhe um par de agulhas de tricô enquanto falava.

“Sei, um pouco... mas não no seco... e não com agulhas...” Alice estava começando a dizer, quando, de repente, as agulhas viraram remos em suas mãos e ela descobriu que estavam num barquinho, deslizando entre ribanceiras — de modo que só lhe restava remar o melhor que podia.

“Nivelar!” gritou a Ovelha, pegando um outro par de agulhas.

Como esta observação não parecia requerer nenhuma resposta, Alice nada disse e continuou remando. Havia algo de muito estranho na água, ela pensou, pois volta e meia os remos emperravam e só a custo saíam da água.

“Nivelar! Nivelar!” a Ovelha gritou de novo, pegando mais duas agulhas. “Já, já vai acabar enforcando o remo.”

“Por que faria isso?” pensou Alice. “Tão cruel.”

“Não me ouviu dizer ‘Nivelar?’” gritou a Ovelha, furiosa, pegando um punhado de agulhas.

“Ouvi, de fato”, admitiu Alice: “disse isso várias vezes... e muito alto. Por favor, como se enforcam remos?”

“Com corda, é claro!” disse a Ovelha, espetando algumas das agulhas na lã, pois já não cabiam nas mãos. “Nivelar, estou dizendo!”

“*Por que* fica dizendo ‘nivelar’ o tempo todo?” Alice finalmente perguntou, um tanto irritada. “Não estou desnivelada!”

“Está, sim”, disse a Ovelha, “você é uma patinha pateta.”

Como isso deixou Alice um pouco ofendida, não houve mais conversa por um minuto ou dois, enquanto elas deslizavam suavemente, às vezes entre ilhas de algas (que faziam os remos resistirem ainda mais à água), e às vezes sob árvores, mas sempre com as mesmas ribanceiras sobre suas cabeças.

“Ah, por favor! Há uns juncos perfumados!” Alice exclamou, subitamente enlevada. “Há mesmo... e são *tão* lindos!”

“Não precisa *me* dizer ‘por favor’ por causa disso”, a Ovelha respondeu sem tirar os olhos do seu tricô. “Não fui eu quem os pus ali, não sou eu quem vou tirá-los.”

“Não, mas o que eu quis dizer foi, por favor, podemos esperar e colher alguns?” Alice suplicou. “Se não se importa de parar o barco por um minuto.”

“Como posso *eu* pará-lo?” perguntou a Ovelha. “Se você parar de remar, ele para por si mesmo.”

Assim deixou-se o barco seguir pelo ribeirão ao seu bel-prazer, até que deslizou suavemente para o meio dos juncos oscilantes. Então as manguinhas foram cuidadosamente arregaçadas, e os bracinhos mergulhados até os cotovelos para pegar os juncos bem mais abaixo antes de quebrá-los... e por algum tempo a Ovelha e seu tricô sumiram da cabeça de Alice, enquanto ela se debruçava sobre a borda do barco, só as pontas dos cabelos emaranhados mergulhando na água... e, com olhos faiscantes e sôfregos, apanhava feixe após feixe dos encantadores juncos perfumados.

“Espero que o barco não vire!” disse para si mesma. “Oh, *que* lindo é aquele. Só que não consegui alcançá-lo.” E certamente *parecia* um pouco enervante (“quase como se fosse de propósito”, ela pensou) que, embora conseguisse colher quantidades de lindos juncos à medida que o bote deslizava, houvesse sempre um mais lindo que não podia alcançar.

“Os mais bonitos estão sempre mais longe!” disse por fim, com um suspiro ante a teimosia dos juncos em crescerem tão afastados, enquanto, faces afogueadas e cabelo e mãos pingando, tentava voltar a seu lugar e começava a arrumar seus recém-descobertos tesouros.

Que lhe importava naquele momento que os juncos tivessem começado a murchar e a perder seu perfume e beleza, desde o momento em que os colhera? Até juncos perfumados reais, como você sabe, duram só por pouco tempo... e esses, sendo juncos de sonho, derretiam quase como neve enquanto repousavam em feixes aos pés dela... mas Alice mal percebeu isso, tantas outras coisas curiosas tinha para pensar.

Não tinham ido muito longe quando a pá de um dos remos emperrou firme na água e se *recusou* a sair (assim Alice explicou isso mais tarde); e a consequência foi que o punho dele acertou-a sob o queixo, e, apesar de uma série de “ai, ai, ai” da pobre Alice, derrubou-a do assento e a afundou no monte de juncos.

Mas ela não se machucou nadinha e logo estava de pé de novo. Enquanto isso a Ovelha continuava com seu tricô, como se nada tivesse acontecido. “Que belo remo você enforcou!” ela observou, quando Alice voltava ao seu lugar, bastante aliviada por ainda estar no barco.

“Enforquei? Nesse caso foi sem querer”, disse Alice espiando a água escura sobre a borda do barco cautelosamente. “Espero que não tenha sofrido muito, não gosto de enforcar nada!” Mas a Ovelha só riu com desdém e continuou tricotando.

“Há muitos remos enforcados aqui?” perguntou Alice.

“Remos enforcados e todo tipo de coisas”, disse a Ovelha. “Coisas para todo gosto, é só decidir. Diga-me, o que você *quer* comprar?”

“Comprar!” Alice repetiu num tom entre espantado e aterrorizado — pois os remos, o barco, o rio, haviam todos desaparecido num instante, e ela estava de novo na lojinha escura.

“Gostaria de comprar um ovo, por gentileza”, disse timidamente. “Como os vende?”

“Cinco pence por um... Dois pence por dois”, a Ovelha respondeu.

“Então dois custam menos que um?” perguntou Alice surpresa, pegando a bolsa.

“Só que, se comprar dois, *tem* de comê-los”, disse a Ovelha.

“Nesse caso quero *um*, por favor”, disse Alice, pondo o dinheiro no balcão. Pois pensou consigo mesma: “Os dois não devem ser grande coisa.”

A Ovelha pegou o dinheiro e o guardou numa caixa. Depois disse: “Eu nunca ponho coisas nas mãos das pessoas... não é conveniente... você mesma terá de pegá-lo.” E assim dizendo foi para o outro canto da loja e pôs um ovo em pé numa prateleira.

“Pergunto-me *por que* seria inconveniente?” pensou Alice, enquanto tentava se deslocar por entre as mesas e cadeiras, pois o fundo da loja era muito escuro. “Quanto mais ando em direção ao ovo, mais longe ele parece ficar. Deixe-me ver... isto é uma cadeira? Ui! Ela tem galhos, tem sim! Como é estranho ter árvores crescendo aqui! E de fato aqui está um pequeno riacho! Bem, esta é a loja mais esquisita que já vi!”

Assim foi ela, espantando-se mais e mais a cada passo, pois todas as coisas viravam árvore tão logo as alcançava, e ela estava certa de que o ovo faria o mesmo.

CAPÍTULO 6

Humpty Dumpty

O ovo, porém, foi só ficando cada vez maior, e cada vez mais humano. Quando chegou a alguns metros dele, Alice viu que tinha olhos, nariz e boca. E quando chegou bem perto, viu claramente que era HUMPTY DUMPTY * em pessoa. “Não pode ser mais ninguém!” disse para si mesma. “Tenho tanta certeza quanto se ele tivesse o nome escrito na cara.”

Teria sido possível escrevê-lo uma centena de vezes, facilmente, naquela cara enorme. Humpty Dumpty estava sentado, de pernas cruzadas como um turco, em cima de um muro alto — tão estreito que Alice se perguntou assombrada como conseguia manter o equilíbrio — e, como ele mantinha os olhos fixos na direção oposta, não tomando conhecimento dela, pensou que, afinal, devia ser um presunçoso.

“Parece um ovo sem tirar nem pôr!” disse alto, com as mãos prontas para segurá-lo, pois temia que caísse a qualquer momento.

“É *muito* irritante”, Humpty Dumpty disse após um longo silêncio, sem olhar para Alice enquanto falava, “ser chamado de ovo... *muito!*”

“Disse que *parecia* um ovo, Sir”, Alice explicou gentilmente. “E há ovos muito bonitos, sabe”, acrescentou, na esperança de transformar seu comentário numa espécie de elogio.

“Certas pessoas”, disse Humpty Dumpty, desviando os olhos dela como sempre, “parecem não ter mais juízo que um bebê!”

Alice não soube responder. Aquilo não se parecia nada com uma conversa, pensou, pois ele nunca dizia nada para *ela*; na verdade, seu último comentário foi evidentemente dirigido a uma árvore — assim, ficou quieta e repetiu suavemente para si mesma:

Humpty Dumpty num muro se aboletou,

Humpty Dumpty lá de cima despencou.

Todos os cavalos e os homens do Rei a arfar

Não conseguiram de novo lá para cima o içar.

“Este último verso parece longo demais para o poema”, acrescentou, quase em voz alta, esquecendo que Humpty Dumpty a ouviria.

“Não fique aí falando sozinha desse jeito”, Humpty Dumpty disse, olhando para ela pela primeira vez, “melhor me dizer seu nome e atividade.”

“Meu *nome* é Alice, mas...”

“Um nome bem bobo!” Humpty Dumpty a interrompeu com impaciência. “O que significa?”

“Um nome *deve* significar alguma coisa?” Alice perguntou ambigualmente.

“Claro que *deve*”, Humpty Dumpty respondeu com uma risada curta. “*Meu* nome significa meu formato... aliás um belo formato. Com um nome como o seu, você poderia ter praticamente qualquer formato.”

“Por que fica sentado aqui sozinho?” disse Alice, não querendo iniciar uma discussão.

“Ora, porque não há ninguém aqui comigo!” exclamou Humpty Dumpty. “Pensou que não teria resposta para *isso*? Pergunte outra.”

“Não acha que ficaria mais seguro no chão?” Alice continuou, não com qualquer ideia de propor um outro enigma, mas movida pela simples ansiedade benévola que a estranha criatura despertava nela. “Esse muro é tão *estreitinho*!”

“Que enigmas absurdamente fáceis você propõe!” Humpty Dumpty resmungou. “Claro que não acho! Se por acaso eu *caísse* — o que não tem a menor chance de acontecer — mas *se* eu caísse...” Aqui franziu os lábios e pareceu tão solene e majestático que Alice mal pôde conter o riso. “*Se* eu caísse”, continuou, “*o Rei me prometeu... ah, pode empalidecer, se quiser! Não esperava que eu fosse dizer isto, esperava? O Rei me prometeu... da sua própria boca... que... que...*”

“Mandaria todos os seus cavalos e todos os seus homens”, Alice interrompeu, de maneira muito imprudente.

“Francamente, isto é horrível!” Humpty Dumpty gritou, lançando-se numa fúria repentina. “Andou escutando atrás das portas... e atrás das árvores... e pelas chaminés... ou não poderia saber disso!”

“Não andei, verdade!” Alice disse muito gentilmente. “Está num livro.”

“Ah, bem! Podem escrever coisas assim num *livro*”, disse Humpty Dumpty num tom mais calmo. “É o que vocês chamam uma História da Inglaterra, é isso. Ora, olhe bem para mim! Sou um daqueles que falou com um Rei, *eu* sou: pode ser que você nunca veja outro. E para lhe mostrar que não sou orgulhoso, pode apertar a minha mão!” Abriu um sorriso quase de uma orelha à outra enquanto estendia a mão (e por um triz não caiu do muro ao fazê-lo) e a oferecia a Alice. Ela olhou para ele um pouco aflita enquanto a apertava. “Se abrisse mais o sorriso os cantos da sua boca poderiam se encontrar atrás”, pensou, “e nesse caso não sei o que aconteceria com a sua cabeça. Seria capaz de saltar fora!”

“Sim, todos os seus homens e todos os seus cavalos”, Humpty Dumpty continuou.

“Eles me levantariam de novo num segundo, levantariam *sim!* Mas esta conversa está avançando um pouco depressa demais. Vamos voltar para sua penúltima observação.”

“Temo não poder lembrar qual foi”, disse Alice, muito polidamente.

“Neste caso, vamos recomeçar do zero”, disse Humpty Dumpty, “e é minha vez de escolher o assunto...” (“Ele fala exatamente com se fosse um jogo!” pensou Alice.) “Portanto, aqui está uma pergunta para você. Quantos anos disse que tinha?”

Alice fez um rápido cálculo e respondeu: “Sete anos e seis meses.”

“Errado!” Humpty Dumpty exclamou, triunfante. “Você nunca disse tais palavras!”

“Pensei que queria dizer ‘Quantos anos você *tem?*’” Alice explicou.

“Se tivesse querido dizer isso, teria dito isso”, disse Humpty Dumpty.

Não querendo começar outra discussão, Alice não disse nada.

“Sete anos e seis meses!” Humpty Dumpty repetiu, pensativo. “Uma idade muito incômoda. Se tivesse pedido o *meu* conselho, eu teria dito: ‘pare nos sete’... mas agora é tarde.”

“Nunca peço conselho sobre crescimento”, Alice disse indignada.

“Orgulhosa demais?” o outro perguntou.

Essa sugestão deixou Alice ainda mais indignada. “Quero dizer que uma pessoa não pode evitar ficar mais velha.”

“*Uma* não pode, talvez”, disse Humpty Dumpty, “mas *duas* podem. Com a devida assistência, você teria podido parar em sete.”

“Que cinto bonito o seu!” Alice observou de repente. (Já tinham falado mais que o bastante sobre idade, ela pensou; e se realmente iam revezar na escolha de assuntos, agora era a sua vez.) “Pelo menos”, corrigiu-se, após pensar melhor, “uma bela gravata, eu devia ter dito... não, um cinto... quero dizer... perdoe-me!” acrescentou assustadíssima, pois Humpty Dumpty parecia extremamente ofendido e ela começou a desejar não ter escolhido aquele assunto. “Se eu pelo menos soubesse”, pensou consigo, “o que é pescoço e o que é cintura!”

Era evidente que Humpty Dumpty estava muito zangado, embora não tenha dito nada por um minuto ou dois. *Quando* falou de novo, foi num rosnado rouco.

“É uma... coisa *extremamente... irritante*”, disse por fim, “que uma pessoa não saiba distinguir uma gravata de um cinto!”

“Sei que é muita ignorância minha”, disse Alice, num tom tão humilde que Humpty Dumpty abrandou.

“É uma gravata, criança, e uma bela gravata, como você diz. Foi um presente do Rei e da Rainha Brancos. Que me diz agora?”

“Foi mesmo?” perguntou Alice, muito contente ao ver que *tinha* escolhido um bom assunto afinal de contas.

“Deram-me a gravata”, Humpty Dumpty continuou, pensativo, enquanto cruzava os joelhos e punha as mãos em volta deles, “deram-me... como um presente de desaniversário.”

“Perdão?” Alice perguntou, perplexa.

“Não estou ofendido”, disse Humpty Dumpty.

“Quero dizer, o que é um presente de desaniversário?”

“Um presente dado quando não é seu aniversário, é claro.”

Alice refletiu um pouco. “Gosto mais de presentes de aniversário”, declarou finalmente.

“Não sabe do que está falando!” exclamou Humpty Dumpty. “Quantos dias há no ano?”

“Trezentos e sessenta e cinco”, disse Alice.

“E quantos aniversários você faz?”

“Um.”

“E se diminui um de trezentos e sessenta e cinco, resta quanto?”

“Trezentos e sessenta e quatro, claro.”

Humpty Dumpty pareceu duvidar. “Preferiria ver essa conta no papel”, disse.

Alice não pôde conter um sorriso enquanto pegava sua caderneta e armava a subtração para ele.

365

– 1

364

Humpty Dumpty pegou a caderneta e examinou-a atentamente. “Parece estar correto...” começou.

“Está segurando de cabeça para baixo!” Alice interrompeu.

“Claro que estava!” Humpty Dumpty disse jovialmente, enquanto ela a desvirava para ele. “Pareceu-me um pouco estranho. Como eu ia dizendo, *parece* estar correto — embora eu não tenha tido tempo de examiná-la a fundo neste instante — e isso mostra que há trezentos e sessenta e quatro dias em que você poderia ganhar presentes de desaniversário...”

“Sem dúvida”, disse Alice.

“E só *um* para ganhar presentes de aniversário, vê? É a glória para você!”

“Não sei o que quer dizer com ‘glória’”, disse Alice.

Humpty Dumpty sorriu, desdenhoso. “Claro que não sabe... até que eu lhe diga. Quero dizer ‘é um belo e demolidor argumento para você!’”

“Mas ‘glória’ não significa ‘um belo e demolidor argumento’”, Alice objetou.

“Quando *eu* uso uma palavra”, disse Humpty Dumpty num tom bastante desdenhoso, “ela significa exatamente o que quero que signifique: nem mais nem menos.”

“A questão é”, disse Alice, “se *pode* fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes.”

“A questão”, disse Humpty Dumpty, “é saber quem vai mandar — só isto.”

Alice estava perturbada demais para dizer o que quer que fosse, de modo que, após um minuto, Humpty Dumpty recomeçou. “São temperamentais, algumas... em particular os verbos, são os mais orgulhosos... com os adjetivos pode-se fazer qualquer coisa, mas não com os verbos... contudo, sei manobrar o bando todo! Impenetrabilidade! É o que *eu* digo!”

“Poderia me dizer, por favor”, disse Alice, “o que isso significa?”

“Agora está falando como uma criança sensata”, disse Humpty Dumpty, parecendo muito satisfeito. “Quero dizer com ‘impenetrabilidade’ que já nos fartamos deste assunto e que seria muito bom se você mencionasse o que pretende fazer em seguida, já que presumo que não pretende ficar aqui pelo resto da sua vida.”

“É um bocado para fazer uma palavra significar”, disse Alice, pensativa.

“Quando faço uma palavra trabalhar tanto assim”, disse Humpty Dumpty, “sempre lhe pago um adicional.”

“Oh!” disse Alice. Estava perplexa demais para fazer qualquer outra observação.

“Ah, precisava vê-las vindo me visitar num sábado à noite”, Humpty Dumpty continuou, balançando a cabeça gravemente de um lado para outro, “para receber seus salários, sabe?”

(Alice não se atreveu a perguntar com que as pagava; por isso, como vê, não posso *lhe* contar.)

“Parece muito habilidoso para explicar palavras, Sir”, disse Alice. “Faria a gentileza de me dizer o significado do poema chamado ‘Pargarávio?’”

“Vamos ouvi-lo”, disse Humpty Dumpty. “Posso explicar todos os poemas que já foram inventados — e muitos que ainda não o foram.”

Como isso soava muito auspicioso, Alice repetiu a primeira estrofe:

Solubrava, e os lubriciosos touvos

Em vertigiros persondavam as verdentes;

Trisciturnos calavam-se os gaiolouvos

E os porverdidos estrigulavam fientes.

“Isso basta para começar”, Humpty Dumpty interrompeu-a, “há um bocado de palavras difíceis aí. ‘*Solumbrava*’ quer dizer que a tarde caía: é aquela hora em que o sol vai baixando e as sombras se alongam.”

“Isto explica direitinho”, disse Alice. “E *lubriciosos*?”

“Bem, ‘*lubriciosos*’ significa lúbricos, que é o mesmo que escorregadios, e operosos, ágeis. Entende, é uma palavra-valise... há dois sentidos embalados numa palavra só.”

“Agora entendo”, Alice comentou pensativa; “e que são ‘*touvos*’?”

“Bem, os ‘*touvos*’ são um tanto parecidos com os texugos... têm um pouco de lagartos... e lembram muito um saca-rolha.”

“Devem ser criaturas de aspecto muito estranho.”

“E são”, disse Humpty Dumpty, “além disso, fazem seus ninhos sob relógios de sol... ah, e se alimentam de queijo.”

“E que é ‘*vertigiros*’ e ‘*persondavam*’?”

“‘*Vertigiros*’ é o giro vertiginosamente rápido de uma verruma. ‘*Persondar*’ é perfurar perscrutando.”

“E ‘*verdentos*’ são os canteiros de grama em volta de um relógio de sol, não é?” disse Alice, surpresa com a própria sagacidade.

“Mas é claro. Chamam-se assim porque ali os gafanhotos cortam a verde grama...”

“Com os dentes”, Alice acrescentou.

“Exatamente. Depois, ‘*trisciturno*’ é triste, taciturno e noturnal (mais uma palavra-valise para você). E ‘*gaiolouvo*’ é uma ave magricela de aspecto andrajoso com as penas espetadas para todo lado... lembra muito um esfregão vivo.”

“E os ‘*porverdidos*’?” perguntou Alice. “Receio estar lhe dando um trabalhão.”

“Bem, ‘*porverdidos*’ são porcos verdes que perderam o caminho de casa.”

“E que significa ‘*estrigulavam*’?”

“Ora, ‘*estrigular*’ é algo entre estridular, guinchar, cricrilar, estrilar e assobiar, com uma espécie de espirro no meio — mas você terá oportunidade de ouvir isso, talvez... lá no bosque distante... e quando tiver ouvido uma vez vai ficar *completamente* satisfeita. Quem andou recitando esta coisa complicada para você?”

“Li num livro”, disse Alice. “Mas andaram recitando para mim um pouco de poesia, bem mais fácil que esta... foi o Tweedledee, acho.”

“Por falar em poesia, sabe”, disse Humpty Dumpty, estendendo uma de suas

grandes mãos, “posso recitar poesia melhor que ninguém...”

“Oh! Não tenho a menor dúvida!” Alice disse mais que depressa, na esperança de detê-lo.

“A peça que vou recitar”, ele continuou sem notar esta última observação, “foi inteiramente escrita para seu divertimento.”

Achando que, nesse caso, *devia* realmente ouvi-la, Alice se sentou e disse um “Obrigada” desconsolado.

*No inverno, quando tudo é alvo como leite,
Canto esta canção só para o seu deleite...*

“Só que não estou cantando”, acrescentou, à guisa de explicação.

“Estou vendo”, disse Alice.

“Se consegue *ver* se estou cantando ou não, tem olhos mais penetrantes que a maioria das pessoas”, Humpty Dumpty observou severamente. Alice ficou calada.

*Na primavera, quando os bosques verdejam,
Tentarei lhe dizer o que estes versos ensinam.*

“Muito obrigada”, disse Alice.

*No verão, quando é tão longo o dia,
Talvez você entenda esta melodia;*

*No outono, estando as folhas a tombar,
Trate de tudo isto no papel registrar.*

“Vou registrar, se conseguir me lembrar até lá”, disse Alice.

“Não precisa ficar fazendo comentários desse tipo”, disse Humpty Dumpty, “não têm cabimento e me confundem.”

*Uma mensagem aos peixes fiz chegar;
Expressando-lhes meu desejar.*

*E os peixinhos do mar
A resposta me deram sem tardar*

Era isto que tinham a dizer:

“Isto não podemos, Sir, porque...”

“Acho que não estou entendendo muito bem”, disse Alice.

“Depois fica mais fácil”, Humpty Dumpty respondeu.

De novo mandei lhes dizer:

“Que tratassem de obedecer.”

A resposta chegou, insolente:

“Ora vejam! Que gênio mais quente!”

Disse-lhes uma, disse-lhe duas vezes

Mas empacaram como reses.

Então uma chaleira nova peguei

Própria para um fim que engenhei.

Meu coração pela boca quis sair

Quando a chaleira até a borda enchi.

Alguém então me disse, sorrindo:

“Psss! Os peixinhos estão dormindo!”

Respondi alto, sem pestanejar:

“Ah é? Pois trate de os acordar.”

Falei bem claro, com voz de trovão,

E ele ficou ali, como pregado no chão.

Humpty Dumpty elevou a voz quase num berro enquanto recitava esta estrofe, e Alice pensou com um arrepio: “Eu não teria sido o mensageiro por *nada* neste mundo!”

Depois, emproado e atrevido,

Exclamou: “Não me arrebente o ouvido!”

Tão petulante ele era, que disse:

“Certo, vou acordá-los, se...”

Num saca-rolha então passei a mão

E fui eu mesmo acordá-los com decisão.

Encontrei porém a porta trancada,

Girei a maçaneta, mas nada...

Fez-se uma longa pausa.

“Acabou?” Alice perguntou timidamente.

“Acabou”, disse Humpty Dumpty. “Até logo.”

Aquilo era muito brusco, Alice pensou; mas depois de uma insinuação *tão* forte de que devia ir embora sentiu que não seria polido ficar. Assim, levantou-se e estendeu a mão. “Adeus, até a próxima!” disse no tom mais jovial que pôde.

“Eu não a reconheceria *se* nós nos encontrássemos”, Humpty Dumpty respondeu num tom desgostoso, dando-lhe um de seus dedos para apertar: “você é tão exatamente igual às outras pessoas.”

“Em geral é o rosto que conta”, Alice observou, pensativa.

“É justamente do que me queixo”, disse Humpty Dumpty. “Seu rosto é igual ao de todo mundo... os dois olhos, *tão*...” (marcando o lugar deles no ar com o polegar) “nariz no meio, boca embaixo. É sempre a mesma coisa. Agora, se você tivesse os dois olhos do mesmo lado do nariz, por exemplo... ou a boca no alto... isso seria de *alguma* ajuda.”

“Não ficaria bonito”, Alice objetou. Mas Humpty Dumpty só fechou os olhos e disse: “Espere até experimentar.”

Alice esperou um minuto para ver se ele falaria de novo, mas como não voltou a abrir os olhos nem tomou o menor conhecimento dela, disse “Adeus” mais uma vez e, não obtendo nenhuma resposta, foi-se em silêncio. Mas não pôde deixar de dizer para si mesma ao partir: “De todas as pessoas insatisfatórias...” (repetiu isto alto, pois era um grande consolo ter uma palavra tão comprida para dizer) “de todas as pessoas insatisfatórias que *já* encontrei...” Nunca terminou a frase, porque nesse momento um enorme estrondo sacudiu o bosque de ponta a ponta.



CAPÍTULO 7

O Leão e o Unicórnio

UM INSTANTE DEPOIS surgiram soldados correndo pelo bosque, de início em pares, ou em três, depois em bandos de dez ou vinte, e por fim em massas tão grandes que pareciam encher toda a floresta. Alice se escondeu atrás de uma árvore, com medo de ser pisoteada, e ficou vendo-os passar.

Pensou que em toda a sua vida nunca tinha visto soldados tão trôpegos: tropeçavam o tempo todo em uma coisa ou outra, e sempre que um caía vários outros caíam sobre ele, de tal modo que o chão logo ficou coberto com montinhos de homens.

Depois vieram os cavalos. Com quatro patas, saíam-se bem melhor que os soldados; mas até *eles* tropeçavam vez por outra; e parecia ser norma geral que, sempre que um cavalo tropeçava, o cavaleiro caía imediatamente. A confusão piorava a cada momento, e Alice ficou feliz de sair do bosque para um descampado, onde encontrou o Rei Branco sentado no chão tomando notas atarefadamente em seu bloco de anotações.

“Mandei-os todos!” o Rei exclamou deliciado, ao ver Alice. “Por acaso encontrou soldados, minha cara, ao passar pelo bosque?”

“Encontrei”, disse Alice, “vários milhares, eu diria.”

“Quatro mil duzentos e sete, é o número exato”, disse o Rei consultando o bloco. “Não pude mandar todos os cavalos, sabe, porque dois deles são necessários para o jogo. Também não mandei os dois Mensageiros. Foram ambos à cidade. Dê uma olhada na estrada, e diga-me se pode ver algum deles.”

“Ninguém à vista”, disse Alice.

“Só queria ter olhos como esses”, observou o Rei num tom irritado. “Ser capaz de ver Ninguém! E à distância! Ora, o máximo que *eu* consigo é ver pessoas reais, com esta luz!”

Alice não ouviu nada disto, absorta que ainda estava em olhar a estrada, protegendo os olhos com uma das mãos. “Estou vendo alguém agora!” exclamou finalmente. “Mas vem muito devagar... e que maneiras curiosas tem!” (Pois o Mensageiro saltitava e se retorcia como uma enguia o tempo todo enquanto avançava, com suas grandes mãos abertas como leques de cada lado.)

“Em absoluto”, disse o Rei. “É um Mensageiro Anglo-Saxão... e essas são as maneiras anglo-saxãs. Só as exhibe quando está feliz. Seu nome é Haigha.

(Pronunciou-o de modo a rimar com “*mayor*”.)

“Amo meu amor com um _H,” Alice não resistiu a começar, “porque é Habilidoso. Detesto-o com um _H porque é Horrroso. Alimento-o com... com... Hadoque com pão e Hortaliças. Seu nome é Haigha, e ele mora...”

“Mora na Hospedaria”, observou o rei ingenuamente, sem a mínima ideia de que estava entrando no jogo, quando Alice ainda hesitava entre nomes de cidade começando com _H. “O outro mensageiro chama-se Hatta. Preciso ter *dois*... para vir e ir. Um para vir e um para ir.”

“Perdão?” disse Alice.

“Não há o que perdoar”, disse o Rei.

“Só quis dizer que não tinha entendido”, disse Alice. “Por que um para vir e outro para ir?”

“Não lhe disse?” o Rei repetiu, impaciente. “Tenho de ter dois: para trazer e levar. Um para trazer e um para levar.”

Nesse momento o Mensageiro chegou; estava esbaforido demais para dizer qualquer coisa, e só conseguia acenar as mãos e fazer as mais pavorosas caretas para o pobre Rei.

“Esta senhorita o ama com um _H”, o Rei disse, apresentando Alice na esperança de desviar de si a atenção do Mensageiro — mas não adiantou... as maneiras anglo-saxãs só ficavam ainda mais estrambóticas a cada momento, enquanto os grandes olhos rolavam freneticamente de um lado para outro.

“Está me assustando!” disse o Rei. “Acho que vou desmaiar... dê-me um hadoque!”

Ante o que o Mensageiro, para grande divertimento de Alice, abriu uma sacola

que trazia enrolada no pescoço e entregou um hadoque ao Rei, que o devorou sofregamente.

“Mais um hadoque!”

“Agora só sobraram hortaliças”, disse o Mensageiro, espiando pela boca da sacola.

“Hortaliças, então”, o Rei murmurou num débil sussurro.

Alice ficou satisfeítíssima ao ver que aquilo o revigorava muito. “Não há nada como comer hortaliças quando se está desfalecendo”, ele observou para ela, enquanto mascava.

“Diria que lhe jogar um pouco de água fria seria melhor”, Alice sugeriu, “ou sais.”

“Não disse que não havia nada *melhor*”, o Rei respondeu. “Disse que não há nada *como* isso.” O que Alice não se aventurou a negar.

“Por quem passou na estrada?” continuou o Rei, esticando a mão para o Mensageiro a pedir mais hortaliças.

“Ninguém”, disse o Mensageiro.

“Correto”, disse o Rei, “esta senhorita o viu também. Nesse caso, evidentemente Ninguém anda mais devagar que você.”

“Faço o que posso”, o Mensageiro respondeu, aborrecido. “Tenho certeza de que ninguém anda muito mais depressa do que eu!”

“Não pode andar”, disse o Rei, “ou teria chegado aqui primeiro. Mas agora você já recobrou o fôlego, pode nos contar o que aconteceu na cidade.”

“Vou cochichar”, disse o Mensageiro, pondo as mãos em concha sobre a boca e curvando-se de modo a se aproximar do ouvido do Rei. Alice ficou sentida, pois queria ouvir as notícias também. Contudo, em vez de sussurrar, ele simplesmente gritou a plenos pulmões: “Começaram de novo!”

“*Chama* isso de cochichar?” exclamou o pobre Rei, dando um pulo e estremecendo. “Se fizer tal coisa de novo, vou mandar amanteigá-lo! Abalou minha cabeça inteira como um terremoto!”

“Deve ter sido um terremoto bem pequenininho!” pensou Alice. “Quem começou de novo?” arriscou-se a perguntar.

“Ora, o Leão e o Unicórnio, é claro”, disse o Rei.

“Lutando pela coroa?”

“Sem dúvida”, disse o Rei; “e o melhor da piada é que é sempre pela *minha* coroa! Vamos correr até lá para vê-los.” E lá se foram, Alice repetindo para si mesma, enquanto corria, as palavras da velha canção:

O Leão e o Unicórnio pela real coroa pelejaram:

Deram um belo espetáculo para todos que assistiram.

Com pão branco, preto e bolo de passas os regalaram.

Até que, cansados, a toque de tambor os expulsaram.

“Aquele... que... vence... fica com a coroa?” ela perguntou, o melhor que pôde, pois a corrida a estava deixando completamente sem fôlego.

“Ó céus, não!” exclamou o Rei. “Que ideia!”

“Vossa Majestade se importaria de parar um minuto... só para... recobramos um pouco o fôlego?”

“Não me *importaria* nada”, disse o Rei, “só não tenho *força* para tanto. Veja, um minuto passa tão terrivelmente rápido. Seria o mesmo que tentar parar um Capturandam!”

Como Alice já não tinha fôlego para falar, seguiram correndo em silêncio, até que avistaram uma grande multidão, no meio da qual o Leão e o Unicórnio estavam lutando. Estavam envoltos por tal nuvem de poeira que, a princípio, Alice não pôde distinguir qual era qual: mas logo conseguiu identificar o Unicórnio, pelo chifre.

Puseram-se perto de Hatta, o outro Mensageiro, que estava de pé assistindo à luta com uma xícara de chá numa das mãos e o pedaço de pão com manteiga na outra.

“Ele acabou de sair da prisão e não tinha terminado seu chá quando o chamaram”, Haigha cochichou para Alice. “E lá eles só lhes dão conchas de ostras... por isso sentem muita fome e sede. Como vai você, meu querido?” continuou, abraçando afetuosamente o pescoço de Hatta.

Hatta olhou em volta, assentiu com a cabeça, e voltou ao seu pão com manteiga.

“Sentia-se feliz na prisão, meu querido?” perguntou Haigha.

Hatta olhou em volta de novo, e dessa vez uma lágrima ou duas lhe rolaram pelas faces; mas não disse uma palavra.

“Fale, não pode?” Haigha gritou, impaciente. Mas Hatta só continuou mastigando e tomou mais um pouco de chá.

“Fale, vamos!” gritou o Rei. “Como eles estão se saindo na luta?”

Hatta fez um esforço desesperado e engoliu um grande pedaço de pão com manteiga. “Estão se saindo muito bem”, disse numa voz engasgada. “Cada um foi derrubado cerca de oitenta e sete vezes.”

“Então, suponho que logo vão trazer o pão branco e o preto?” Alice se atreveu a observar.

“O pão está à espera deles agora”, disse Hatta. “É um pedacinho dele que estou comendo.”

Exatamente nesse momento houve uma pausa na luta, e o Leão e o Unicórnio sentaram-se, arfando, enquanto o Rei proclamava “Dez minutos para a merenda!”. Haigha e Hatta puseram mãos à obra imediatamente, trazendo bandejas redondas

cheias de pão branco e preto. Alice pegou um pedaço para experimentar, mas era *muito seco*.

“Acho que não vão lutar mais hoje”, o Rei disse a Hatta. “Vá e mande que os tambores comecem.” E lá se foi Hatta, saltitando como um gafanhoto.

Por um minuto ou dois, Alice ficou calada, observando-o. De repente, iluminou-se: “Vejam, vejam!” exclamou, apontando animada: “Lá vai a Rainha Branca, correndo pelos campos! Veio voando daquele bosque... Como essas Rainhas *correm* rápido!”

“Há algum inimigo em seu encalço, certamente”, disse o Rei, sem nem mesmo olhar em volta. “Esse bosque está cheio deles.”

“Mas não vai correr para ajudá-la?” Alice perguntou, muito surpresa com a calma que mantinha.

“É inútil, inútil!” disse o Rei. “Ela corre terrivelmente depressa. Seria o mesmo que tentar agarrar um Capturandam! Mas vou fazer uma anotação sobre ela, se você quiser... É uma boa e querida pessoa”, repetiu suavemente para si mesmo, enquanto abria seu bloco de anotações. “‘Pessoa’ se escreve com cedilha?”

Nesse momento o Unicórnio passou perambulando por eles, as mãos nos bolsos. “Levei a melhor desta vez?” perguntou ele ao Rei, lançando-lhe só um olhar de relance.

“Um pouco... um pouco”, o Rei respondeu, bastante nervoso. “Mas não devia tê-lo atravessado com seu chifre.”

“Não o machucou”, disse o Unicórnio, negligentemente, e estava se afastando quando deu com os olhos em Alice: fez meia-volta no mesmo instante e ficou olhando para ela um longo tempo, aparentando o mais profundo desagrado.

“O que... é... isso?” disse finalmente.

“Isto é uma criança!” Haigha respondeu animadamente, passando à frente de Alice para apresentá-la e esticando as duas mãos bem abertas em direção a ela com suas maneiras anglo-saxãs. “Nós só a encontramos hoje: tamanho real e duas vezes mais natural.”

“Sempre achei que elas eram monstros fabulosos!” disse o Unicórnio. “É viva?”

“Sabe falar”, disse Haigha, solenemente.

O Unicórnio lançou para Alice um olhar sonhador e disse: “Fale, criança.”

Alice não conseguiu conter um sorriso ao começar: “Sabe, sempre pensei que os Unicórnios eram monstros fabulosos também! Nunca vi um vivo antes.”

“Bem, agora que nos *vimos* um ao outro”, disse o Unicórnio, “se acreditar em mim, vou acreditar em você. Feito?”

“Feito, se lhe agrada”, disse Alice.

“Vamos, vá buscar o bolo de passas, meu velho!” continuou o Unicórnio,

voltando-se para o Rei. “Não me venha com pão preto!”

“Certamente... certamente!” murmurou o Rei, e acenou para Haigha. “Abra a sacola!” sussurrou. “Rápido! Essa não... está cheia de húmus.”

Haigha tirou um grande bolo de dentro do saco e o deu a Alice para segurar, enquanto tirava um prato e uma faca de trinchar. Como tudo aquilo pôde sair dali, Alice não tinha a menor ideia. Era uma espécie de mágica, pensou.

Nesse meio-tempo, o Leão se juntara a eles: parecia muito cansado e sonolento, e tinha os olhos semicerrados. “O que é isso?” disse, lançando um olhar preguiçoso para Alice e falando num tom cavernoso que soava como o badalar de um grande sino.

“Ah, e então? O que é isso?” o Unicórnio exclamou, animado. “Nunca vai adivinhar! *Eu* não consegui.”

O Leão olhou para Alice enfadado. “Você é animal... vegetal... ou mineral?” disse, bocejando entre uma palavra e outra.

“É um monstro fabuloso!” o Unicórnio gritou, antes que Alice pudesse responder.

“Então sirva o bolo de passas, Monstro”, disse o Leão, deitando-se e pousando o queixo sobre as patas. “E sentem-se, vocês dois!” (para o Rei e o Unicórnio). “Jogo limpo com o bolo, veja lá!”

O Rei estava evidentemente bastante constrangido por ter de se sentar entre aquelas duas criaturas, mas não havia outro lugar para ele.

“Que luta poderíamos ter pela coroa *agora!*” disse o Unicórnio, olhando dissimuladamente para a coroa, que o pobre Rei, de tanto que tremia, estava prestes a arremessar fora da cabeça.

“Eu venceria facilmente”, disse o Leão.

“Não estou tão certo disso”, disse o Unicórnio.

“Ora, eu o bati pela cidade inteira, seu frangote!” o Leão respondeu furioso,

quase se erguendo ao falar.

Nessa altura o Rei os interrompeu, para impedir que a briga fosse adiante; estava muito nervoso e sua voz tremia: “Por toda a cidade?” disse. “É muito chão. Passaram pela ponte velha, ou pelo mercado? A melhor vista é a que se tem da ponte velha.”

“Não tenho ideia”, rosnou o Leão, deitando-se de novo. “Havia poeira demais para se ver qualquer coisa. Mas quanto tempo esse Monstro leva para cortar esse bolo!”

Alice se sentara à margem de um riachinho, com o grande prato sobre os joelhos, e serrava diligentemente com a faca. “Isso é muito irritante!” disse, em resposta ao Leão (estava ficando perfeitamente acostumada a ser chamada de “o Monstro”). “Já cortei várias fatias, mas elas sempre se juntam de novo!”

“Você não sabe lidar com bolos do Espelho”, observou o Unicórnio. “Primeiro sirva-o e depois corte-o.”

Parecia absurdo, mas Alice levantou-se muito obedientemente e passou o prato pela roda, e quando o fez o bolo se dividiu a si mesmo em três pedaços. “Agora corte-o”, disse o Leão quando ela voltou para o seu lugar com o prato vazio.

“Isso não foi justo!” gritou o Unicórnio quando Alice se sentava com a faca na mão, muito embaraçada quanto à maneira de começar. “O Monstro deu para o Leão duas vezes mais do que para mim!”

“De qualquer maneira, não guardou nada para si mesma”, disse o Leão. “Gosta de bolo de passas, Monstro?”

Mas antes que Alice pudesse responder-lhe, os tambores começaram.

De onde vinha o barulho, ela não conseguia distinguir: o ar parecia repleto dele, e ressoava em toda a sua cabeça até deixá-la completamente surda. Aterrorizada, levantou-se de um pulo e saltou o riachinho, e só teve tempo de ver o Leão e o Unicórnio se levantarem, parecendo furiosos por terem seu banquete interrompido, antes de cair de joelhos e tapar os ouvidos com as mãos, tentando em vão calar a medonha barulheira.

“Se esse ‘toque de tambor’ não os expulsar da cidade”, pensou consigo mesma, “nada o fará!”

CAPÍTULO 8

“É uma invenção minha”

APÓS CERTO TEMPO o barulho pareceu desaparecer pouco a pouco, até que tudo mergulhou em profundo silêncio, e Alice levantou a cabeça, um pouco assustada. Não havia ninguém à vista e seu primeiro pensamento foi que devia ter estado sonhando com o Leão e o Unicórnio e aqueles esquisitos Mensageiros Anglo-Saxões. No entanto, o enorme prato em que havia tentado cortar o bolo de passas ainda estava a seus pés. “Então eu não estava sonhando, afinal de contas”, disse para si mesma, “a menos... a menos que sejamos todos parte do mesmo sonho. Só espero que o sonho seja *meu*, e não do Rei Vermelho! Não gosto de pertencer ao sonho de outra pessoa”, continuou, num tom bastante queixoso. “Sinto uma enorme vontade de ir acordá-lo e ver o que acontece!”

Nesse instante seus pensamentos foram interrompidos por um grito alto de “Olá! Olá! Xeque!” e um Cavaleiro envergando uma armadura carmesim veio galopando na direção dela, brandindo uma grande clava. Assim que a alcançou, o cavalo parou de repente. “Você é minha prisioneira!” o Cavaleiro gritou, enquanto caía do cavalo.

Espantada como estava, Alice ficou com mais medo por ele do que por si própria naquele instante, e observou-o com certa aflição enquanto montava de novo. Assim que se instalou confortavelmente na sela, ele recomeçou: “Você é minha...” mas nesse momento uma outra voz se fez ouvir. “Olá! Olá! Xeque!” e Alice olhou em volta um tanto surpresa, à procura do novo inimigo.

Desta vez era o Cavaleiro Branco. Parou ao lado de Alice, e caiu do cavalo exatamente como o Cavaleiro Vermelho fizera; em seguida se levantou e os dois Cavaleiros ficaram se olhando por algum tempo sem falar. Alice olhava de um para outro, um tanto atordoada.

“Ela é *minha* prisioneira, saiba!” disse por fim o Cavaleiro Vermelho.

“Certo, mas nesse caso, *eu* vim e resgatei-a!” respondeu o Cavaleiro Branco.

“Bem, então temos de lutar por ela”, disse o Cavaleiro Vermelho, pegando o elmo (que estava pendurado na sela e cuja forma lembrava a cabeça de um cavalo) e enfiando-o na cabeça.

“Vai respeitar as Regras de Batalha, não?” observou o Cavaleiro Branco, pondo seu elmo também.

“Sempre respeito”, disse o Cavaleiro Vermelho, e começaram a se bater com tal fúria que Alice foi para trás de uma árvore para escapar dos golpes.

“O que eu queria saber agora é quais são as Regras de Batalha”, disse para si mesma enquanto observava a luta, espiando timidamente do seu esconderijo. “Uma Regra parece ser que, se um Cavaleiro atinge o outro, ele o derruba do seu cavalo, e, se erra o golpe, ele mesmo cai... e outra Regra parece ser que seguram as clavas com os braços, como se fossem marionetes... Que barulho fazem quando caem! Parece que todos os atizadores estão caindo de uma vez sobre o guarda-fogo! E como os cavalos são mansos! Deixam que montem e desmontem como se fossem mesas!”

Outra Regra de Batalha, que Alice não percebera, parecia ser que sempre caíam de cabeça, e a batalha terminou com ambos caindo dessa maneira, lado a lado. Quando se levantaram, apertaram-se as mãos e em seguida o Cavaleiro Vermelho montou e partiu a galope.

“Foi uma vitória gloriosa, não?” disse o Cavaleiro Branco, aproximando-se ofegante.

“Não sei”, disse Alice, hesitante. “Não quero ser prisioneira de ninguém. Quero ser uma Rainha.”

“E será, quando tiver transposto o próximo riacho”, disse o Cavaleiro Branco. “Vou levá-la em segurança até a orla do bosque... e depois tenho de voltar. É o fim do meu movimento.”

“Muito obrigada”, disse Alice. “Posso ajudá-lo a tirar o elmo?” Evidentemente aquilo era demais para ele fazer sozinho; mas finalmente ela conseguiu livrá-lo do apetrecho.

“Assim fica mais fácil respirar”, disse o Cavaleiro, jogando seu cabelo desgrenhado para trás com as duas mãos e voltando para Alice seu rosto bondoso e seus olhos grandes e meigos. Ela pensou que nunca tinha visto um soldado tão estranho em toda a sua vida.

Ele vestia uma armadura de lata, que parecia lhe servir muito mal, e trazia presa

entre os ombros uma caixinha de pinho de formato esquisito, de cabeça para baixo e com a tampa pendendo, aberta. Alice olhou-a com grande curiosidade.

“Vejo que está admirando minha caixinha”, disse o Cavaleiro em tom amistoso. “É uma invenção minha... para guardar roupas e sanduíches. Como vê, carrego-a de cabeça para baixo, assim não entra chuva.”

“Mas as coisas podem sair”, Alice observou gentilmente. “Sabe que a tampa está aberta?”

“Não sabia”, disse o Cavaleiro, o aborrecimento lhe anuviando o rosto. “Nesse caso, todas as coisas devem ter caído. E a caixa é inútil sem elas.” Desprendeu-a enquanto falava e estava prestes a jogá-la entre as moitas quando, parecendo ter sido assaltado por uma súbita ideia, pendurou-a cuidadosamente numa árvore. “Consegue adivinhar por que fiz isso?” perguntou a Alice.

Ela sacudiu a cabeça.

“Na esperança de que abelhas possam fazer sua colmeia aí... nesse caso eu teria o mel.”

“Mas o senhor já tem uma colmeia... ou coisa parecida... pendurada na sela”, disse Alice.

“É verdade, é uma ótima colmeia”, disse o Cavaleiro num tom desgostoso, “da melhor qualidade. Mas até agora nem uma única abelha chegou perto dela. E a outra coisa é uma ratoeira. Suponho que os ratos afugentam as abelhas... ou são as abelhas que afugentam os ratos, não sei qual dos dois.”

“Eu estava pensando para que servia a ratoeira”, disse Alice. “Não é muito provável aparecer algum rato no dorso de um cavalo.”

“Não muito provável, talvez”, disse o Cavaleiro; “mas, se aparecerem, prefiro que não fiquem correndo para todo lado.”

“Sabe”, continuou, após uma pausa, “o melhor é estar preparado para *tudo*. É por isso que o cavalo tem todos esses grilhões em volta das patas.”

“Mas para que servem?” Alice perguntou com grande curiosidade.

“Para proteger contra mordidas de tubarões”, o Cavaleiro respondeu. “É uma invenção minha. E agora ajude-me a montar. Vou com você até o fim do bosque... Para que é o prato?”

“Era para um bolo de passas”, respondeu Alice.

“Melhor levá-lo conosco”, disse o Cavaleiro. “Virá a calhar se encontrarmos algum bolo de passas. Ajude-me a metê-lo neste saco.”

Essa operação exigiu um longo tempo, embora Alice segurasse o saco aberto com muito cuidado, *tal* foi a atrapalhação do Cavaleiro para enfiar nele o prato: nas primeiras duas ou três vezes em que tentou, ele próprio caiu no saco. “Ficou bastante apertado, como vê”, ele disse quando finalmente conseguiram colocar o prato

dentro. “Há uma quantidade tão grande de castiçais no saco.” E pendurou-o na sela, que já estava carregada com molhos de cenouras, atiçadores e muitas outras coisas.

“Espero que seu cabelo esteja muito bem preso”, ele continuou ao partirem.

“Apenas como o uso sempre”, Alice disse, sorrindo.

“Isso não vai ser suficiente”, ele disse, aflito. “Sabe, o vento é *muito* forte aqui. É forte como sopa.”

“Inventou algum truque para impedir o cabelo de esvoaçar?” Alice perguntou.

“Ainda não”, disse o Cavaleiro. “Mas tenho um truque para impedir que *caia*.”

“Gostaria de ouvi-lo, muito mesmo.”

“Primeiro você pega uma vara reta”, disse o Cavaleiro. “Depois faz o seu cabelo ir trepando por ela acima, como uma árvore frutífera. Ora, os cabelos caem porque estão pendurados para *baixo*... as coisas nunca caem para *cima*, sabe? O método é uma invenção minha. Pode experimentar, se quiser.”

Não parecia muito conveniente, pensou Alice, e por alguns minutos caminhou em silêncio, ruminando a ideia, e parando vez por outra para ajudar o pobre Cavaleiro, cujo forte com certeza *não* era a equitação.

Sempre que o cavalo empacava (o que fazia com muita frequência), ele caía para a frente; e sempre que recomeçava a andar (o que em geral fazia de maneira bastante brusca), ele caía para trás. Afora isso, cavalgava bastante bem, não fosse pelo hábito que tinha de cair de lado de vez em quando, e como geralmente era para o lado em que Alice estava andando, ela logo descobriu que o melhor método era não andar *muito* perto do cavalo.

“Parece-me que não tem muita prática de cavalgar”, arriscou-se a dizer, enquanto o ajudava a se levantar do seu quinto tombo.

O Cavaleiro pareceu surpresíssimo e um pouco ofendido com a observação. “Por que diz isso?” perguntou ao se aboletar de novo na sela, agarrando o cabelo de Alice com uma mão para evitar cair para o outro lado.

“Porque as pessoas não caem tanto quando têm muita prática.”

“Tenho bastante prática”, disse o Cavaleiro, muito gravemente, “bastante prática!”

Alice não achou nada melhor para dizer que “É mesmo?”, mas o fez da maneira mais entusiástica que pôde. Depois disso seguiram em silêncio por um pequeno trecho, o Cavaleiro com os olhos fechados, resmungando consigo mesmo, e Alice aflita, alerta para o próximo tombo.

“A nobre arte da equitação”, começou o Cavaleiro de repente, falando alto, acenando o braço direito enquanto o fazia, “está em manter...” Aqui a frase terminou, tão subitamente quanto começara, pois o Cavaleiro desabou de cabeça pesadamente bem na trilha em que Alice estava andando. Dessa vez ela ficou muito

apavorada, e disse num tom agoniado, enquanto o erguia: “Espero que não tenha quebrado nenhum osso!”

“Nenhum que valha a pena mencionar”, disse o Cavaleiro, como se não se importasse de quebrar uns dois ou três. “A nobre arte da equitação, como eu ia dizendo, está... em manter o equilíbrio adequadamente. Assim, sabe...”

Soltou a rédea e estendeu os dois braços para mostrar a Alice o que tinha em mente, e dessa vez caiu de costas, bem debaixo das patas do cavalo.

“Bastante prática!” continuou repetindo, durante todo o tempo em que Alice tentava pô-lo novamente de pé. “Bastante prática!”

“É absurdo demais!” exclamou Alice, perdendo toda a paciência dessa vez. “Deveria ter um cavalo de pau, com rodinhas, isso sim!”

“Esse tipo tem uma andadura suave?” o Cavaleiro perguntou com grande interesse, abraçando o pescoço do cavalo enquanto falava, justo a tempo de escapar de mais um trambolhão.

“Muito mais suave que a de um cavalo vivo”, disse Alice, soltando uma risadinha apesar de todo o seu esforço para contê-la.

“Vou arranjar um”, disse o Cavaleiro pensativamente para si mesmo. “Um ou dois... vários.”

Em seguida fez-se um breve silêncio e depois o Cavaleiro recomeçou. “Tenho muito pendor para inventar coisas. Certamente você percebeu, da última vez que me levantou, que eu parecia bastante pensativo, não?”

“*Estava* um pouco sério”, disse Alice.

“Bem, exatamente naquele instante estava inventando uma nova maneira de passar por cima de uma porteira... gostaria de ouvi-la?”

“Gostaria sim, muito”, disse Alice com polidez.

“Vou lhe contar como a ideia me ocorreu”, disse o Cavaleiro. “Sabe, disse para mim mesmo: ‘A única dificuldade é com os pés, pois a *cabeça* já está numa altura suficiente.’ Ora, primeiro ponho a cabeça sobre a porteira — então a cabeça já está numa altura suficiente — depois planto uma bananeira — assim os pés chegam a uma altura suficiente — aí já estou do outro lado.”

“Sim, suponho que estaria do outro lado depois disso”, disse Alice, pensativa, “mas não acha que seria um pouco difícil?”

“Como ainda não experimentei”, disse gravemente o Cavaleiro, “não posso lhe dizer ao certo... mas temo que *seria* um pouquinho difícil.”

Pareceu tão contrariado com a ideia que Alice mudou de assunto rapidamente. “Que elmo curioso, o seu!” disse alegremente. “É invenção sua também?”

Com orgulho, o Cavaleiro olhou para seu elmo, pendurado na sela. “É”, respondeu, “mas inventei um melhor que este... parecido com um pão de açúcar.

Quando o usava, se caía do cavalo ele tocava o chão num instante. Assim eu tinha uma queda muito curta, entende... Mas *havia* o perigo de cair *dentro* dele, sem dúvida. Isso me aconteceu uma vez... e o pior da história foi que, antes que eu conseguisse sair dali, o outro Cavaleiro Branco chegou e pôs o elmo na cabeça. Pensou que fosse o dele.”

O Cavaleiro falava daquilo com tanta solenidade que Alice não se atreveu a rir. “Receio que o tenha machucado”, disse numa voz trêmula, “ficando no cocuruto dele”.

“Tive de chutá-lo, é claro”, disse o Cavaleiro, muito sério. “Então ele tirou o elmo de novo... mas levaram horas e horas para me tirar. Eu estava engasgado lá como se tivesse um osso na garganta.”

“Mas são dois tipos diferentes de engasgo”, Alice objetou.

O Cavaleiro sacudiu a cabeça. “Comigo, eram engasgos de todo tipo, posso lhe garantir!” disse. Ergueu as mãos num certo arrebatamento ao dizer isso, e instantaneamente rolou da sela e caiu de cabeça num fosso fundo.

Alice correu para a borda do fosso para procurá-lo. Estava muito espantada com a queda, pois por algum tempo ele se saíra muito bem, e temia que dessa vez *estivesse* realmente machucado. Contudo, embora só pudesse ver as solas dos seus sapatos, ficou muito aliviada ao ouvi-lo falar no tom habitual: “Todos os tipos de engasgo”, ele repetiu, “mas foi negligência dele pôr o elmo de outro homem... com o homem dentro, ainda por cima.”

“Como *consegue* continuar falando tão calmamente de cabeça para baixo?” Alice perguntou, enquanto o puxava pelos pés e o deitava num monte na borda do fosso.

O Cavaleiro pareceu surpreso com a pergunta. “Que me importa onde está o meu corpo?” disse. “Minha mente continua trabalhando do mesmo jeito. Na verdade, quanto mais de cabeça para baixo estou, mais invento coisas novas.”

“Veja, a coisa mais engenhosa desse tipo que já fiz”, continuou após uma pausa, “foi inventar um novo pudim enquanto a carne estava sendo servida.”

“A tempo de tê-lo assado para ser o prato seguinte?” disse Alice. “Puxa, *foi* um trabalho rápido, com certeza.”

“Bem, não para ser o prato *seguinte*”, disse o Cavaleiro numa voz lenta, pensativa; “não, certamente não para ser o prato *seguinte*.”

“Nesse caso, teria de ser para o dia seguinte. Suponho que não comeria dois pudins num jantar só?”

“Bem, não para o dia *seguinte*”, o Cavaleiro repetiu como antes; “não para o dia *seguinte*. Na verdade”, continuou, mantendo a cabeça baixa e com uma voz cada vez mais fraca, “não acredito que o pudim tenha sido *algum dia* assado! Na verdade, não acredito que o pudim *vá* ser assado algum dia! E no entanto foi uma invenção muito engenhosa.”

“De que ele seria feito?” Alice perguntou na esperança de animá-lo, pois o pobre Cavaleiro parecia abatido com aquilo.

“Começava com mata-borrão”, o Cavaleiro respondeu com um gemido.

“Temo que isso não seja muito gostoso...”

“Não muito gostoso *sozinho*”, ele interrompeu, muito impaciente. “Mas não faz ideia da diferença que faz se misturado com outras coisas... como pólvora e lacre. E neste ponto devo deixá-la.” Tinham acabado de chegar à orla do bosque.

Alice só pôde ficar perplexa; estava pensando no pudim.

“Parece triste”, disse o Cavaleiro, aflito. “Deixe-me cantar uma canção para consolá-la.”

“É muito comprida?” Alice perguntou, porque já tinha ouvido um bocado de poesia aquele dia.

“É comprida”, disse o Cavaleiro, “mas muito, *muito* bonita. Todos os que me ouvem cantá-la... ficam com *lágrimas* nos olhos, ou...”

“Ou o quê?” quis saber Alice, pois o Cavaleiro fizera uma súbita pausa.

“Ou não, é claro. O nome da canção é chamado ‘*Olhos de hadoque*’.”

“Oh, esse é o nome da canção, não é?” disse Alice, tentando se interessar.

“Não, você não entendeu”, disse o Cavaleiro, um pouco irritado. “É assim que o nome é *chamado*. O nome na verdade é ‘*O velho homem velho*’.”

“Nesse caso eu devia ter perguntado: ‘É assim que a canção é chamada?’” corrigiu-se Alice.

“Não, não devia: isso é completamente diferente! A *canção* é chamada ‘*Modos e meios*’, mas isso é só como é chamada, entende?”

“Bem, então qual é a canção?” perguntou Alice, que a essa altura estava completamente atordoada.

“Estava chegando lá”, disse o Cavaleiro. “A canção é realmente ‘*Sentado na*

porteira': e a melodia é uma invenção minha.”

Assim dizendo, parou seu cavalo e soltou as rédeas sobre o pescoço dele; depois, marcando o compasso lentamente com a mão, e com um sorriso bobo iluminando-lhe o rosto bondoso e amalucado, como se gostasse da música de sua canção, começou.

De todas as coisas estranhas que Alice viu em sua viagem através do Espelho, esta foi a de que sempre se lembraria mais nitidamente. Anos depois seria capaz de evocar toda a cena, como se tivesse acontecido na véspera: os meigos olhos azuis e o sorriso gentil do Cavaleiro... a luz do poente cintilando através do cabelo dele, e iluminando-lhe a armadura num esplendor de luz que a deixava inteiramente ofuscada... o cavalo andando calmamente em volta, com as rédeas pendendo soltas do pescoço, mordiscando o capim a seus pés... e as sombras negras do bosque ao fundo... Tudo isso ela absorveu como um quadro, quando, com uma mão protegendo os olhos, encostou-se numa árvore, observando o estranho par e ouvindo, como num sonho, a música triste da canção.

“Mas a melodia *não* é invenção dele”, disse para si mesma, “é ‘*Eu lhe darei tudo, mais não posso dar*’.” Ficou quieta e ouviu, com muita atenção, mas nenhuma lágrima lhe veio aos olhos.

Nada vou lhe esconder,

Não há muito a ser contado.

Vi um dia um ancião,

Numa porteira sentado.

“Quem é você, meu bom velho?”

Eu disse, “E como fatura um trocado?”

Mas à resposta não dei ouvidos,

Em outros pensamentos ocupado.

Ele disse, “Caço as borboletas

Que dormem no meio do trigo,

Com elas faço costeletas,

Que vendo depois aos gritos.

Vendo-as para os estafetas,

Sempre a correr afobados

E assim ganho o meu pão...

Pois nunca vendo fiado.”

Mas eu pensava então num plano

De pintar de verde minhas suíças,

Depois, usar sempre um abano

Pra impedir que fossem vistas.

Assim, não tendo resposta

Para o que o velho dizia, gritei:

“E como fatura um trocado?”

E uma paulada no coco lhe dei.

Com voz suave, ele retomou seu relato,

Disse: “Sou um homem muito teimoso,

E quando acaso encontro um regato,

Boto-lhe fogo no ato;

Com isso fazem uma pomada,

Óleo de Macáassar de Rowland é chamada...

Mas para mim, no arranjo todo,

Sobram dois pence e mais nada.”

Enquanto isso eu pensava como se poderia

Viver só comendo grude,

E ir assim, dia a dia,

Ganhando peso e saúde.

Dei um sacolejo no velho, de lado a lado,

Até vê-lo ficar com o rosto azulado:

“Então, como fatura um trocado?”

Gritei, “Vamos, dê seu recado!”

Ele disse: “Caço olhos de hadoque

No meio do brejo ventoso,

Deles faço botões de fraque,

À noite, quando tudo é silencioso.

E esses não vendo por prata

Tampouco por ouro lustroso,

Mas por meio pêni de cobre,

A dúzia, se está curioso.”

“Às vezes escavo à busca de bolachas,

Ou uso visco para pegar caranguejos;

Às vezes examino colinas baixas

Em busca de rodas, bancos e molejos.

E é assim” (piscou um olho)

“Que minha fortuna provejo...

E muito prazer teria em brindar

À sua saúde e ao seu bem-estar.”

Dessa vez eu o ouvi, pois meu plano,

Eu já o terminara inteirinho:

Como proteger pontes da ferrugem

Ferventando-as no vinho.

Agradei-lhe muito por me contar

Sua maneira de fortuna acumular.

Mas sobretudo pelo desejo expressado

De beber ao meu bom estado.

E agora, se por acaso no grude

Enfio o meu dedo

Ou loucamente meto um pé

Direito num sapato esquerdo,

Ou se por outra razão me

Atrapalho ou me excedo,

Choro, pois isso me faz lembrar

Aquele velhinho e seus segredos.

Cujo rosto era brando e a fala mansa,

Cuja cabeça era como a neve mais branca,

Que lembrava uma gralha e uma criança,

Que tinha olhos de brasa, incandescentes,

Que parecia sofrido após suas andanças,

Que balançava o corpo, indolente,

E murmurava baixinho, dentes serrados,

Como se tivesse a boca cheia de melado,

Que resfolegava como um cão danado...

Naquela tarde de verão, tão fagueira,

Sentado numa porteira.

Ao cantar as últimas palavras da balada, o Cavaleiro empunhou as rédeas e virou a cabeça do seu cavalo para a estrada pela qual tinham vindo. “Você só precisa andar alguns metros”, disse, “morro abaixo e transpor aquele riachinho, e então será

uma Rainha... Mas antes vai ficar e me ver partir?” acrescentou, quando Alice se virou muito animada para a direção que ele apontara. “Não vou demorar. Vai esperar e acenar com seu lenço quando eu chegar àquela curva da estrada? Acho que isso me daria coragem, sabe.”

“Claro que vou esperar”, disse Alice, “e muito obrigada por ter vindo tão longe... e pela canção... gostei muito dela.”

“Espero”, disse o Cavaleiro, sem muita convicção. “Mas não chorou tanto quanto pensei que choraria.”

Assim, apertaram-se as mãos e em seguida o Cavaleiro rumou lentamente para o interior do bosque. “Não vou demorar muito para vê-lo cair, tenho certeza”, Alice disse de si para si. “Pronto! Bem de ponta-cabeça, como de costume! No entanto, monta de novo com muita facilidade... isso porque tem tantas coisas penduradas em torno do cavalo...” Assim ficou, falando consigo mesma, enquanto olhava o cavalo a marchar pachorrento pela estrada e o Cavaleiro a levar trambolhões, primeiro de um lado, depois do outro. Após o quarto ou quinto tombo ele chegou à curva, e então ela lhe acenou com seu lenço e esperou até que sumisse de vista.

“Espero que isso o tenha encorajado”, disse, enquanto se virava para correr morro abaixo. “E agora para o último riacho, e ser uma Rainha! Como soa grandioso!” Alguns poucos passos a levaram à beira do riacho. “Finalmente a Oitava Casa!” gritou, enquanto o transpunha num salto, e se jogou para descansar num gramado macio como musgo, com pequenos canteiros de flores salpicados aqui e ali. “Oh, como estou contente por estar aqui! E o que é isso na minha cabeça?” exclamou assombrada ao erguer as mãos e pegar algo muito pesado e bem ajustado em volta da sua cabeça.

“Mas *como* isso pode ter vindo parar aqui sem que eu percebesse?” perguntou-se, enquanto a erguia e a punha no colo para tentar entender como aquilo fora possível.

Era uma coroa de ouro.

CAPÍTULO 9

Rainha Alice

“**B**EM, ISTO É MAGNÍFICO!” exclamou Alice. “Nunca esperei ser uma Rainha tão cedo... e, vou lhe dizer uma coisa, Majestade”, continuou num tom severo (sempre gostava muito de ralhar consigo mesma), “não convém de maneira alguma você estar esparramada na grama desse jeito! Rainhas devem ter dignidade!”

Assim, levantou-se e andou por ali — muito empertigada a princípio, como se temesse que a coroa pudesse cair; mas tranquilizou-se com a ideia de que não havia ninguém para vê-la, “e se sou realmente uma Rainha”, disse ao se sentar de novo, “serei capaz de conduzir isso muito bem com o tempo.”

Tudo estava acontecendo de maneira tão esquisita que Alice não ficou nem um pouquinho surpresa ao se deparar com a Rainha Vermelha e a Rainha Branca sentadas perto dela, uma de cada lado: teria gostado muito de lhes perguntar como tinham chegado ali, mas receou que isso não fosse muito cortês. Mas não haveria nenhum mal, pensou, em perguntar se o jogo terminara. “Por favor, poderia me dizer...” começou, olhando timidamente para a Rainha Vermelha.

“Fale quando lhe falarem!” a Rainha atalhou-a rispidamente.

“Mas se todo mundo obedecesse a essa regra”, disse Alice, sempre pronta para uma pequena discussão, “e se você só falasse quando lhe falassem, e a outra pessoa sempre esperasse você começar, veja, ninguém nunca diria nada, de modo que...”

“Absurdo!” gritou a Rainha. “Ora, você não entende, criança...” aqui ela fez uma pausa com uma careta e, após pensar um minuto, mudou bruscamente de assunto. “O que quer dizer com ‘Se sou realmente uma Rainha’? Que direito tem de se chamar assim? Não pode ser uma Rainha até ter passado pelos exames apropriados. E quanto mais cedo começarmos isso, melhor.”

“Eu só disse ‘se’!” defendeu-se a pobre Alice num tom que dava dó.

As duas Rainhas se entreolharam, e a Rainha Vermelha comentou, com um pequeno arrepio: “Ela *diz* que só disse ‘se’...”

“Mas disse muito mais que isso!” resmungou a Rainha Branca, torcendo as mãos. “Oh, tão mais que isso!”

“De fato”, a Rainha Vermelha disse a Alice. “Fale sempre a verdade... pense antes de falar... e depois escreva o que falou.”

“Tenho certeza de que não quis dizer...” Alice ia começando, mas a Rainha Vermelha interrompeu-a com impaciência.

“É exatamente disso que me queixo! Devia ter querido! De que acha que serviria uma criança que não quer dizer nada? Até uma piada tem de querer dizer alguma coisa... e uma criança é mais importante que uma piada, espero. Você não conseguiria negar isso, nem que tentasse com as duas mãos.”

“Não nego coisas com minhas *mãos*”, Alice objetou.

“Ninguém disse isso”, observou a Rainha Vermelha. “Eu disse que não conseguiria se tentasse.”

“Ela está naquele estado de espírito”, disse a Rainha Branca, “em que quer negar *alguma coisa*... só que não sabe o quê!”

“Um temperamento desagradável, vicioso”, observou a Rainha Vermelha; seguiu-se um silêncio incômodo por um ou dois minutos.

A Rainha Vermelha quebrou o silêncio dizendo à Rainha Branca: “Eu a convido para o jantar de Alice esta tarde.”

A Rainha Branca sorriu debilmente e disse: “E eu *a* convido.”

“Não tinha a menor ideia de que haveria um jantar”, disse Alice; “mas se vai haver um, acho que *eu* deveria chamar os convidados.”

“Nós lhe demos oportunidade para isso”, observou a Rainha Vermelha; “mas estou certa de que você não teve muitas aulas de boas maneiras, não é?”

“Boas maneiras não se ensinam em aulas”, disse Alice. “Aulas ensinam a fazer contas de somar, e coisas desse tipo.”

“E sabe Adição?” perguntou a Rainha Branca. “Quanto é um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um?”

“Não sei”, disse Alice. “Perdi a conta.”

“Não sabe Adição”, a Rainha Vermelha interrompeu. “Sabe fazer Subtração? Subtraia nove de oito.”

“Nove de oito não posso”, Alice respondeu muito rapidamente; “mas...”

“Não sabe Subtração”, disse a Rainha Branca. “Sabe fazer Divisão? Divida um pão por uma faca: qual é o resultado *disso*?”

“Suponho...” Alice estava começando, mas a Rainha Vermelha respondeu por ela. “Pão com manteiga, é claro. Tente outra Subtração. Tire um osso de um cachorro; resta o quê?”

Alice refletiu. “O osso não restaria, é claro, se o tirei... e o cachorro não restaria: viria me morder... e tenho certeza de que *eu* não restaria!”

“Então acha que não restaria nada?” disse a Rainha Vermelha.

“Acho que essa é a resposta.”

“Errada como de costume”, disse a Rainha; “restaria a fúria do cachorro.”

“Mas não entendo como...”

“Ora, olhe aqui!” gritou a Rainha Vermelha. “O cachorro teria um ataque de fúria, não teria?”

“Talvez tivesse”, respondeu Alice, cautelosa.

“Então se o cachorro desaparecesse, a fúria restaria!” a Rainha exclamou, triunfante.

Com a maior gravidade que pôde, Alice disse: “Poderiam seguir caminhos diferentes.” Mas não pôde deixar de pensar com seus botões: “Que terríveis absurdos *estamos* dizendo!”

“Ela não sabe *nadinha* de aritmética!” as Rainhas disseram juntas, com grande ênfase.

“E você sabe?” Alice falou, virando-se de repente para a Rainha Branca, pois não gostava de ser tão criticada.

A Rainha respirou fundo e fechou os olhos. “Eu sei Adição”, disse, “se você me der algum tempo... mas não sei subtrair sob *nenhuma* circunstância.”

“Naturalmente sabe o ABC?” perguntou a Rainha Vermelha.

“Mas é claro”, disse Alice.

“Eu também”, sussurrou a Rainha Branca, “costumamos recitá-lo todinho juntas, minha cara. E vou lhe contar um segredo: sei ler palavras de uma letra só! Isso não é impressionante? Mas não desanime, com o tempo você chega lá.”

Nesse momento a Rainha Vermelha recomeçou. “Sabe responder a perguntas úteis?” disse. “De que é feito o pão?”

“Isso eu sei!” Alice exclamou, animada. “Pega-se um pouco de farinha...”

“Onde se colhe a farinha?” perguntou a Rainha Branca. “Num jardim, ou nas cercas vivas?”

“Bem, ela não é *colhida*”, Alice explicou; “é *moída*...”

“De pancada?” disse a Rainha Branca. “Não devia omitir tantas coisas.”

“Abane-lhe a cabeça!” interrompeu aflita a Rainha Vermelha. “Vai ficar com febre depois de tanta reflexão!” Não perderam tempo e a abanaram com tufos de folhas até ela ter de implorar que parassem, tanto o seu cabelo esvoaçava.

“Agora ela está bem de novo”, disse a Rainha Vermelha. “Sabe línguas? Como é *fiddle-de-dee* em francês?”

“*Fiddle-de-dee* não é inglês”, Alice respondeu gravemente.

“Mas quem disse que era?” retrucou a Rainha Vermelha.

Alice achou que dessa vez tinha uma maneira de se safar do aperto. “Se me disserem de que língua ‘*fiddle-de-dee*’ é, eu lhes direi a palavra em francês para isso!” exclamou triunfante.

Mas a Rainha Vermelha empertigou-se toda e disse: “Rainhas nunca barganham.”

“Gostaria que Rainhas nunca fizessem perguntas”, Alice pensou consigo.

“Não vamos discutir”, disse a Rainha Branca, aflita. “Qual é a causa do relâmpago?”

“A causa do relâmpago”, Alice respondeu muito decidida, pois dessa vez se sentia totalmente segura, “é o trovão... não, não!” emendou-se rapidamente. “Quis dizer o contrário.”

“É tarde demais para corrigir”, disse a Rainha Vermelha; “depois que se diz uma coisa, ela está dita, e você tem de arcar com as consequências.”

“Isso me lembra...” disse a Rainha Branca baixando os olhos e apertando e soltando as mãos nervosamente, “que tivemos *tal* tempestade terça-feira passada... quero dizer, uma da última série de terças-feiras.”

Alice ficou pasma. “No *nosso* país”, comentou, “os dias da semana vêm um de cada vez.”

A Rainha Vermelha disse: “É uma maneira lastimável de fazer as coisas. *Aqui*, geralmente os dias e as noites vêm em dois ou três por vez, e no inverno de vez em quando temos até cinco noites juntas... para aquecer mais, sabe.”

“Então cinco noites são mais quentes que uma?” Alice se arriscou a perguntar.

“Cinco vezes mais quentes, é claro.”

“Mas deviam ser cinco vezes mais *frias*, pela mesma regra...”

“Precisamente!” exclamou a Rainha Vermelha. “Cinco vezes mais quentes e cinco vezes mais frias... assim como eu sou cinco vezes mais rica que você e cinco vezes mais inteligente!”

Alice suspirou e desistiu. “É exatamente como um enigma sem resposta!” pensou.

“Humpty Dumpty viu isso também”, a Rainha Branca continuou em voz baixa, mais como se estivesse falando consigo mesma. “Ele veio até a minha porta, com um saca-rolha na mão...”

“O que queria?” indagou a Rainha Vermelha.

“Disse que *iria* entrar”, a Rainha Branca continuou, “porque estava procurando um hipopótamo. Ora, acontece que não havia tal coisa na casa, naquela manhã.”

“Geralmente há?” Alice perguntou, espantada.

“Bem, só nas quintas-feiras”, disse a Rainha.

“Sei para que ele foi”, disse Alice; “queria castigar o peixe porque...”

Nessa altura a Rainha Branca recomeçou: “Foi uma *tal* tempestade, ninguém poderia imaginar!” (“Ela *nunca* conseguiu, sabe?” disse a Rainha Vermelha.) “E parte do telhado desabou, e caíram tantos trovões lá dentro... e ficaram rolando pela sala aos borbotões... e batendo nas mesas e nas coisas... até que fiquei com tanto medo que não conseguia lembrar meu próprio nome!”

Alice pensou consigo: “Nunca *tentaria* lembrar meu nome no meio de um acidente! De que adiantaria?” mas não falou isso alto, temendo ferir os sentimentos da pobre Rainha.

“Deve desculpá-la, Majestade”, a Rainha Vermelha disse a Alice, tomando uma das mãos da Rainha Branca na sua e dando-lhe palmadinhas gentis: “ela tem boa intenção, mas não consegue deixar de dizer tolices, de modo geral.”

A Rainha Branca olhou timidamente para Alice, que sentiu que *devia* dizer alguma coisa delicada, mas realmente não conseguiu pensar em nada na hora.

“Ela nunca teve realmente uma boa educação”, a Rainha Vermelha prosseguiu, “mas tem um bom gênio espantoso! Dê-lhe uns tapinhas na cabeça, e veja como gosta!” Mas Alice não tinha coragem para tanto.

“Um pequeno agrado... e prender-lhe os cabelos em papelotes... isso faz maravilhas com ela...”

A Rainha Branca deu um suspiro profundo e pousou a cabeça no ombro de Alice. “Estou com tanto sono!” gemeu.

“Está cansada, coitadinha!” disse a Rainha Vermelha. “Alise seus cabelos... empreste-lhe sua touca de dormir... e cante-lhe uma cantiga de ninar relaxante.”

“Não tenho uma touca de dormir comigo”, disse Alice, tentando obedecer à primeira instrução; “e não sei nenhuma cantiga de ninar relaxante.”

“Nesse caso, eu mesma tenho de fazê-lo”, disse a Rainha Vermelha, e começou:

Dorme, dorme, senhora, sua boa sesta,

Há tempo de sobra até a hora da festa.

Depois as três Rainhas irão se esbaldar

E pela noite adentro alegres bailar!

“Agora você já sabe a letra”, acrescentou, pousando a cabeça no outro ombro de Alice. “Cante-a toda para *mim* agora. Estou ficando com sono também.” E num instante as duas Rainhas estavam dormindo profundamente, e roncando alto.

“O que posso fazer?” exclamou Alice, olhando em volta atônita, quando primeiro uma cabeça redonda, depois a outra rolaram dos seus ombros e pousaram como um bloco pesado no seu colo. “Acho que *jamais* aconteceu antes de alguém ter de tomar conta de duas Rainhas adormecidas ao mesmo tempo! Não, não em toda a História da Inglaterra... não teria sido possível, porque nunca houve mais de uma Rainha ao mesmo tempo. Levantem-se, suas coisas pesadas!”, continuou, num tom impaciente; mas só recebeu por resposta um ronco suave.

O ronco tornava-se mais distinto a cada minuto, soando cada vez mais como uma melodia. Por fim ela conseguiu entender até as palavras, e ouviu tão sofregamente que, quando as duas grandes cabeças sumiram do seu colo, mal deu por falta delas.

Estava parada diante de uma porta em arco, sobre a qual se liam as palavras RAINHA ALICE em letras grandes, e de cada lado do arco havia uma campainha; numa estava escrito “Campainha das Visitas” e na outra, “Campainha dos Criados”.

“Vou esperar que a canção termine”, pensou Alice, “e depois tocar a... que campainha devo tocar?” continuou, muito confusa com os nomes. “Não sou uma visita, e não sou uma criada. Deveria haver uma com a inscrição ‘Rainha’...”

Nesse exato momento a porta se abriu um pouquinho; uma criatura com um bico comprido pôs a cabeça de fora por um instante e disse: “Não se pode entrar até a semana após a próxima!” — e fechou novamente a porta, com estrondo.

Alice bateu e tocou em vão por um longo tempo, mas finalmente um Sapo muito velho, que estava sentado sob uma árvore, levantou-se e veio coxeando na sua direção: usava uma roupa de um amarelo vivo e calçava botas enormes.

“Qual é o problema agora?” perguntou o Sapo num sussurro rouco e cavernoso.

Alice virou-se, pronta para criticar meio mundo. “Onde está o criado cuja obrigação é atender à porta?”, começou, zangada.

“Que porta?” perguntou o Sapo.

Alice quase sapateou de irritação com a voz arrastada com que ele falava. “*Esta* porta, é claro.”

O Sapo contemplou a porta com seus olhos grandes e lerdos por um minuto, depois chegou mais perto e esfregou-a com o polegar, como se estivesse experimentando para ver se a tinta iria sair; depois olhou para Alice.

“Atender à porta?” disse. “Ela vem pedindo o quê?” Era tão rouco que Alice mal podia ouvi-lo.

“Não sei o que quer dizer”, falou.

“Eu falar inglês, não falar?” o Sapo continuou. “Ou você é surda? O que a porta lhe pediu?”

“Nada!” disse Alice, impaciente. “Andei batendo nela!”

“Não devia ter feito isso... não devia...” murmurou o Sapo. “Ela se irrita, sabe.” Adiantou-se então e deu um chute na porta com um de seus grandes pés. “Deixe *ela* em paz”, disse ofegante, enquanto coxeava de volta para sua árvore, “e ela deixará *você* em paz.”

Nesse instante a porta se abriu com violência e ouviu-se uma voz estridente cantando:

*Ao mundo do Espelho Alice então proclamou:
Coroa na cabeça e cetro na mão, agora convido
Todas as criaturas que o Espelho jamais espelhou
A ceiar com a Rainha Vermelha, a Branca, e comigo!*

E centenas de vozes se uniram no refrão:

*Encham pois suas taças, duas se preciso for,
Salpiquem a mesa toda com flores a desabrochar,
Ponham gatos no café, camundongos no licor,
E trinta vezes três vivas à Rainha Alice vamos dar!*

Seguiu-se um alarido de congratulações, e Alice pensou: “Trinta vezes três são noventa. Será que alguém está contando?” Um minuto depois fez-se silêncio

novamente, e a mesma voz aguda cantou outra estrofe:

*“Ó criaturas do Espelho”, Alice chama, “venham cá!
É uma honra, uma graça que a sorte lhes concedeu,
Este privilégio ímpar de jantar e tomar chá
Com a Rainha Vermelha, a Branca... e eu!”*

Então o coro recomeçou:

*De melado, tinta e grude encham todos os copos
Ou de qualquer outra delícia que lhes agradar,
À cidra misturem areia, farofa ou lã em flocos,
E noventa vezes nove vivas à Rainha Alice vamos dar.*

“Noventa vezes nove!” Alice repetiu, desalentada. “Oh, isso não vai acabar nunca! Eu devia entrar logo...” e fez-se um silêncio pesado no instante em que ela apareceu.

Alice deu uma olhada nervosamente para a mesa, enquanto penetrava no grande salão, e percebeu que havia cerca de cinquenta convidados, de todos os tipos: alguns eram animais, outros aves, e havia até algumas flores entre eles. “Fico contente que tenham vindo sem esperar convite”, pensou. “Eu nunca teria sabido quais eram as pessoas certas a convidar!”

Havia três cadeiras na cabeceira da mesa; as Rainhas Vermelha e Branca já ocupavam duas delas, mas a do meio estava vazia. Alice sentou-se ali, bastante contrafeita com o silêncio, e ansiosa para que alguém falasse.

Por fim a Rainha Vermelha começou. “Perdeu a sopa e o peixe”, disse. “Sirvam o assado!” E os garçons puseram uma perna de carneiro diante de Alice, que a contemplou bastante aflita, pois nunca tivera de trincar uma perna de carneiro antes.

“Parece um pouquinho embaraçada; permita que lhe apresente esta perna de carneiro”, disse a Rainha Vermelha. “Alice... Carneiro; Carneiro... Alice.” A perna de carneiro se levantou no prato e fez uma pequena medida para Alice, que a retribuiu, sem saber se ficava com medo ou achava graça.

“Posso lhes servir uma fatia?” perguntou, pegando a faca e o garfo e olhando de uma Rainha para a outra.

“É claro que não”, respondeu a Rainha Vermelha, peremptória. “Fere a etiqueta cortar alguém a quem você foi apresentada. Levem o assado!” E os garçons o levaram e trouxeram um grande pudim de passas no lugar.

“Não quero ser apresentada ao pudim, por favor”, Alice se apressou a dizer, “ou

não vamos ter nada para jantar. Posso lhes servir um pouco?”

Mas a Rainha Vermelha pareceu aborrecida e resmungou: “Pudim... Alice; Alice... Pudim. Levem o pudim!” e os garçons o levaram tão depressa que Alice não pôde retribuir sua mesura.

Seja como for, não entendia por que a Rainha Vermelha devia ser a única a dar ordens, e assim, para fazer um teste, chamou “Garçom! Traga o pudim de volta!” e num segundo lá estava ele de novo, como num passe de mágica. Era tão grande que não pôde deixar de se sentir um *pouco* embaraçada com ele, como havia ficado com o carneiro. Contudo, venceu seu embaraço e, com grande esforço, cortou uma fatia e a serviu à Rainha Vermelha.

“Que impertinência!” disse o Pudim. “Será que gostaria se eu cortasse uma fatia *de você*, sua criatura?”

Falava com uma voz grossa, untuosa, e Alice não teve o que dizer em resposta. Só conseguiu ficar imóvel e olhar para ele boquiaberta.

“Faça um comentário!” disse a Rainha Vermelha. “É absurdo deixar toda a conversa nas mãos do pudim!”

“Sabe, recitaram-me tanta poesia hoje”, Alice começou, um pouco amedrontada ao constatar que, no instante em que abriu os lábios, fizera-se silêncio absoluto, e todos os olhos haviam se fixado nela, “e é uma coisa muito curiosa, acho... todos os poemas tratavam de peixes de algum modo. Sabe por que gostam tanto de peixes por aqui?”

Dirigiu-se à Rainha Vermelha, cuja resposta fugiu um pouco à questão. “Quanto aos peixes”, disse ela, de maneira muito lenta e solene, pondo a boca junto ao ouvido de Alice, “Sua Majestade Branca sabe uma linda adivinhação... toda em versos... toda sobre peixes. Quer que ela a recite?”

“Sua Majestade Vermelha é muito gentil ao mencionar isso”, a Rainha Branca murmurou no outro ouvido de Alice, numa voz que parecia o arrulho de um pombo. “Seria um prazer *tão* grande! Posso?”

“Por favor”, disse Alice, muito polidamente.

A Rainha Branca riu encantada e deu um tapinha na bochecha de Alice. Em seguida começou:

“Primeiro é preciso o peixe pescar.”

É fácil: até um bebê, acho, poderia apanhá-lo.

“Depois é preciso o peixe comprar.”

É fácil: um pêni, acho, poderia comprá-lo.

“Agora, trate de o peixe cozinhar!”

É fácil, e só vai levar dois instantes.

“Ponha-o numa travessa circular!”

É fácil, porque lá já estava antes.

“Traga-o cá, deixe-me provar!”

É fácil pôr tal prato sobre a mesa.

“Queira o prato destapar!”

Ah, não sou capaz de tamanha proeza!

Porque como cola a tampa ele segura:

Está agarrada ao prato, não quer se desentalar

Qual seria a tarefa menos dura,

Destampar o peixe ou o enigma decifrar?

“Pense um minuto, depois tente adivinhar”, disse a Rainha Vermelha. “Enquanto isso, vamos beber à sua saúde... à saúde da Rainha Alice!” gritou a plenos pulmões, e todos os convidados começaram a beber imediatamente, e de maneira muito esquisita: alguns punham os copos sobre as cabeças como apagadores, e bebiam tudo que lhes escorria pelo rosto... outros emborcavam as garrafas e tomavam o vinho que escorria pelas beiradas da mesa... e três deles (que pareciam cangurus) passaram a mão no prato de carneiro assado e começaram a lamber avidamente o molho, “exatamente como porcos num cocho!” pensou Alice!

“Deve agradecer os cumprimentos com um discurso caprichado”, disse a Rainha Vermelha, franzindo o cenho para Alice.

“Temos de apoiá-la, a Rainha Branca cochichou quando Alice se levantava para fazê-lo, muito obedientemente, mas um pouco amedrontada.

“Muito obrigada”, ela sussurrou de volta, “mas posso me sair muito bem sem isso.”

“Isso não seria o correto em absoluto”, disse a Rainha Vermelha, muito categoricamente. Assim, Alice tentou se submeter àquilo de bom grado.

“E elas *empurraram* tanto!” ela disse mais tarde, quando contava para a irmã a história do banquete. “Parecia que queriam me achatá-la!”

De fato, foi bastante difícil para Alice se manter em seu lugar enquanto fazia seu discurso: as duas Rainhas a empurravam tanto, uma de cada lado, que quase a fizeram subir pelos ares. “Ergo-me para agradecer...” Alice começou — e realmente se ergueu enquanto falava, vários centímetros, mas se segurou na beirada da mesa e conseguiu se puxar para baixo de novo.

“Tome muito cuidado!” berrou a Rainha Branca, agarrando o cabelo de Alice com ambas as mãos. “Alguma coisa vai acontecer!”

Então (como Alice descreveu mais tarde) todo tipo de coisas aconteceu ao mesmo tempo. As velas cresceram todas até o teto, parecendo um canteiro de juncos com fogos de artifício na ponta. Quanto às garrafas, cada uma se apossou de um par de pratos, ajeitando-os rapidamente como se fossem asas, e assim, usando garfos como pernas, saíram esvoaçando para todo lado — “e se pareciam muito com pássaros”, Alice pensou consigo mesma, tanto quanto isso era possível na terrível confusão que se estava armando.

Nesse momento ela ouviu uma risada rouca ao seu lado e virou-se para ver o que estava se passando com a Rainha Branca; mas em vez da Rainha Branca viu a perna de carneiro sentada na cadeira. “Aqui estou!” gritou uma voz da terrina de sopa, e Alice se virou de novo a tempo só de ver o rosto largo e bonachão da Rainha sorrindo para ela por um segundo sobre a borda da terrina, antes que ela desaparecesse na sopa.

Não havia um minuto a perder. Vários convidados já estavam estendidos nos pratos, e a concha da sopa estava caminhando pela mesa em direção à cadeira de Alice, acenando-lhe impacientemente para que saísse do seu caminho.

“Não posso mais suportar isto!” ela gritou, dando um pulo e agarrando a toalha da mesa com as duas mãos: um bom puxão, e travessas, pratos, convidados e velas vieram abaixo num estrondo e se amontoaram no chão.

“Quanto a você”, ela continuou, virando-se enfurecida para a Rainha Vermelha, a quem considerava a causa de todo aquele transtorno — mas a Rainha já não estava ao seu lado: reduzira-se subitamente ao tamanho de uma bonequinha, e agora estava sobre a mesa, correndo alegremente em voltas e mais voltas à procura do seu xale, que se arrastava atrás dela.

Em qualquer outra ocasião Alice teria ficado surpresa com isso, mas *agora* estava alvoroçada demais para se surpreender com qualquer coisa. “Quanto a você”, repetiu, agarrando a criaturinha como se saltasse sobre uma garrafa que acabara de aparecer sobre a mesa, “vou sacudi-la até que vire uma gatinha, ah, se vou!”

CAPÍTULO 10

Sacudida

ARRANCOU-A DA MESA ENQUANTO FALAVA e sacudiu-a para trás e para a frente com toda a força.

A Rainha Vermelha não ofereceu nenhuma resistência; só seu rosto foi ficando muito pequeno, e os olhos ficando grandes e verdes, e cada vez mais, enquanto Alice continuava a sacudi-la, ia ficando menor... e mais gordinha... e mais macia... e mais redonda... e...

CAPÍTULO 11

Despertar

...e afinal de contas *era* mesmo uma gatinha.

CAPÍTULO 12

Quem sonhou?

“VOSSA VERMELHA MAJESTADE não devia ronronar tão alto”, disse Alice, esfregando os olhos e dirigindo-se à gatinha de maneira respeitosa, mas com certa severidade. “Você me acordou de um... oh, um sonho tão lindo! E esteve junto comigo, Kitty... por todo o mundo do Espelho. Sabia disso, querida?”

Os gatinhos têm o hábito muito inconveniente (Alice comentara uma vez) de *sempre* ronronar, seja o que for que se lhes diga. “Se pelo menos só ronronassem para dizer ‘sim’ e miassem para dizer ‘não’, ou alguma regra desse gênero”, ela dissera, “seria possível manter uma conversa! Mas como se *pode* conversar com uma pessoa se ela diz *sempre* a mesma coisa?”

Nessa ocasião a gatinha só ronronou — e era impossível saber se isso significava “sim” ou “não”.

Em seguida Alice procurou entre as peças de xadrez sobre a mesa até encontrar a Rainha Vermelha. Então ajoelhou-se no tapete junto à lareira, e pôs a gatinha e a Rainha face a face. “Agora, Kitty!” exclamou triunfante, batendo palmas: “Confesse que foi nela que você se transformou!”

(“Mas ela não olhava para a Rainha”, disse, quando estava explicando a coisa mais tarde para sua irmã; “virara a cabeça para outro lado, e fingia que não a via: mas pareceu um *pouco* envergonhada, de modo que acho que ela deve ter sido a Rainha Vermelha.”)

“Aprume-se um pouco mais, querida!” Alice exclamou com uma risada alegre. “E faça uma reverência enquanto pensa no que... no que ronronar. Poupa tempo, lembre-se!” E levantou a gatinha e deu-lhe um beijinho, “só em honra ao fato de ter sido uma Rainha Vermelha”.

“Snowdrop, minha bichinha!” continuou, olhando por sobre o ombro para a Gatinha Branca, que ainda estava se submetendo pacientemente à sua toailete, “quando *será* que a Dinah vai terminar o banho de Vossa Branca Majestade? Devia haver alguma razão para você estar tão desmazelada no meu sonho... Dinah! Sabe que está esfregando uma Rainha Branca? Realmente, que falta de respeito da sua parte!”

“E que será que a Dinah virou?” ia ela tagarelado, espichando-se confortavelmente no chão, um cotovelo no tapete e o queixo na mão, para observar os gatinhos. “Diga-me, Dinah, você virou Humpty Dumpty? *Acho* que sim... mas não deve mencionar isso com seus amigos por enquanto, porque não tenho certeza.”

“A propósito, Kitty, se você tivesse estado realmente comigo no meu sonho, de uma coisa *teria* gostado muito: recitaram para mim uma quantidade tão grande de poesia, todas sobre peixes! Amanhã de manhã você vai ter um verdadeiro regalo. Durante todo o tempo em que estiver tomando seu café da manhã, vou recitar ‘A Morsa e o Carpinteiro’; assim você poderá fazer de conta que está comendo ostras, querida!”

“Agora, Kitty, vamos pensar bem quem foi que sonhou tudo isso. É uma questão séria, minha querida, e você *não* devia ficar lambendo a pata desse jeito... Como se a Dinah não tivesse lhe dado banho esta manhã! Veja bem, Kitty, *ou* fui eu *ou* foi o Rei Vermelho. Ele fez parte do meu sonho, é claro... mas nesse caso eu fiz parte do sonho dele também! *Terá* sido o Rei Vermelho, Kitty? Você era a mulher dele, minha cara, portanto deveria saber... Oh, Kitty, me ajude a resolver isto! Tenho certeza de que sua pata pode esperar!” Mas a implicante gatinha só fez começar com a outra pata, fingindo não ter ouvido a pergunta.

Quem *você* pensa que sonhou?